

VALORIZANDO O PEQUENO NA AGRICULTURA

Campo também é lugar de criança!

Páginas 8 e 9



MGonzales Fotografia
contato@mgonzalesfotopro.com.br

ESPECIAL BATATA: GESTÃO SUSTENTÁVEL

A HF Brasil completa 10 anos
de custo de produção de batata

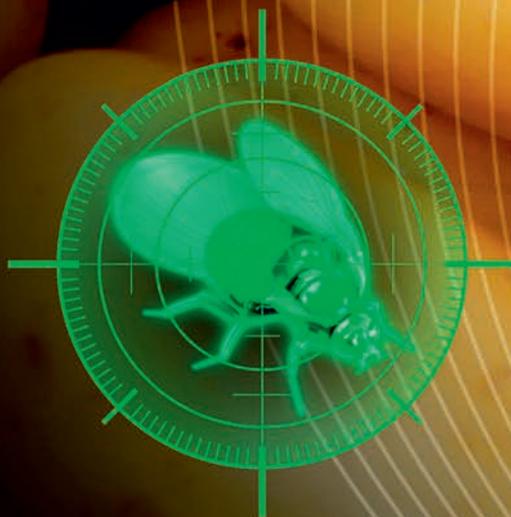
Página 10

Pela primeira vez, custos são
levantados em São Gotardo (MG)

Página 12

CHEGOU VOLIAM TARGO: PRECISO NO CONTROLE DAS PRINCIPAIS PRAGAS DA BATATA.

- Alta potência de controle.
- Manejo de resistência.
- Conveniência.



MOSCA-MINADORA

Produto em fase de cadastro no Paraná.
Informe-se sobre e realize o manejo integrado de pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

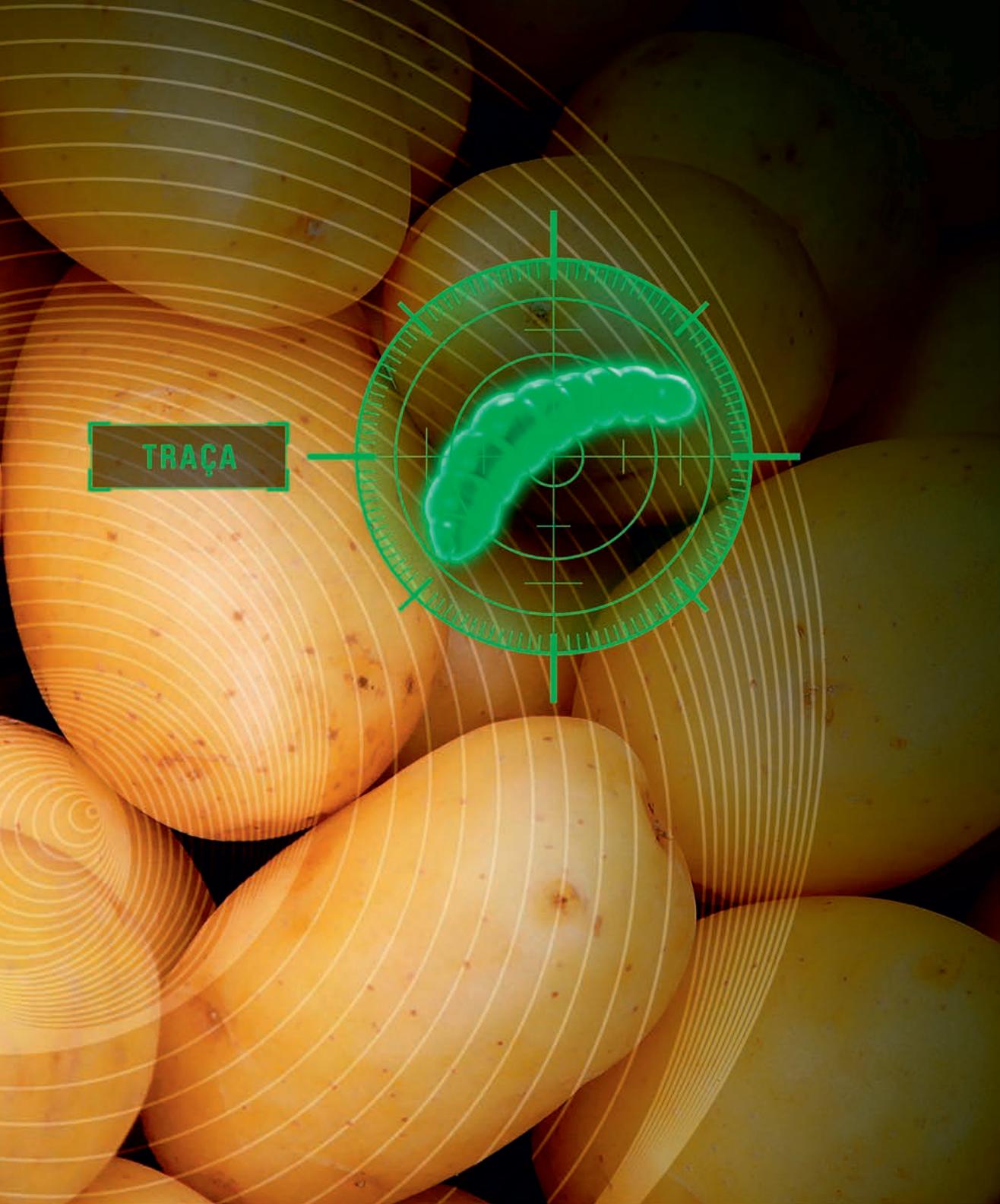
ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO.



c.a.s.a.
0800 704 4304

www.syngenta.com.br



TRAÇA

 **Voliam Targo**®

syngenta.

Gestão de AgroMarketing



OFICINA DE GESTÃO DE CUSTOS DA CADEIA CITRÍCOLA

CURSOS
RÁPIDOS
PECEGE

INSCREVA-SE EM
PECEGE.ORG.BR



(19) 3377.0937 | (19) 3375.4251

(19) 99948.4769

EDITORIAL

PARCERIA COM O SETOR É ESSENCIAL PARA APURAR OS CUSTOS DE PRODUÇÃO



João Paulo Deleo é o autor do mais novo estudo sobre custo de produção da bataticultura.

As pesquisas de custo de produção realizadas pela Hortifruti/Cepea são essenciais para avaliar a sustentabilidade econômica do setor. Por meio delas, muitos produtores também podem estudar seu negócio e planejar novos investimentos. Para levantar dados de custos, a parceria com o setor é fundamental. Graças ao empenho dos produtores, de associações e de entidades de classe, que se reúnem para discutir o “Plano de Negócios” de uma propriedade, é que a **Hortifruti Brasil** consegue coletar os dados e calcular os custos. E a qualidade deste estudo está diretamente ligada ao engajamento dos colaboradores nos Painéis.

O levantamento de custo de batata, realizado há 10 anos em Vargem Grande do Sul (SP), é um exemplo de colaboração dos produtores, agrônomos e representantes da ABVGS, Associação dos Bataticultores da região paulista. A equipe Hortifruti/Cepea agradece ao gerente da ABVGS, Paulo Donizete Martins, e ao engenheiro agrônomo da Cooperbatata, Fábio Henrique Oliveira. A equipe também agradece à Associação de Bataticultores do Sul de Minas Gerais (ABASMIG), entidade que mantém parceria com o Hortifruti/Cepea há sete anos e, em especial, ao engenheiro agrônomo José Daniel Rodrigues Ribeiro, grande apoiador e incentivador das pesquisas de batata na região mineira.

O mais recente apoiador dos levantamentos da Hortifruti/Cepea é a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), por meio do projeto Campo Futuro. No caso da batata, um agradecimento especial é destinado ao José Eduardo Brandão Costa, assessor técnico da comissão nacional de fruticultura, hortaliças e flores, e ao produtor rural Eduardo Sekita de Oliveira. Além da batata, a parceria com a CNA vai coletar informações de custos de tomate, cenoura, cebola e alface em várias regiões do País. Os resultados de custo de produção destas hortaliças serão publicados na edição “Especial Hortaliças”, em junho de 2017.

A **Hortifruti Brasil** está aberta aos demais agentes da hortifruticultura interessados em colaborar com as pesquisas de custos e também de preços. No caso de custos, há um contato direto para os interessados: hfcustos@cepea.org.br.



**Existem coisas
que ficam muito
melhores juntas.**

Bayfolan
COBRE

Chegou a inovação
que faltava para sua lavoura.

Bayfolan Cobre traz para sua lavoura os benefícios da sinergia dos aminoácidos e cobre em um único produto. Melhor eficácia nutritiva e absorção de nutrientes, deixando as plantas mais saudáveis para o máximo de resultados.

Bayfolan Cobre.
Plantas fortes e saudáveis.



O que você acha do padrão dos HFs vendidos no mercado brasileiro?



Se considerar o mercado brasileiro como um todo, apenas os produtos dentro do grupo de exportados têm um padrão razoável. É possível encontrar produtos à venda sem padrão nas centrais de abastecimentos, supermercados de bairros de classe baixa e cidades interioranas

Juliana Roland Manco – São Paulo/SP

A maioria dos produtos HFs é classificada na hora da comercialização, principalmente aqueles que passam pelas centrais de comercialização, visto que há uma exigência dos comerciantes pela padronização. O problema

na falta de padronização está nas feiras livres. Produtores e comerciantes que atuam nesses locais ainda não se atentaram à seleção e à classificação dos seus produtos, aumentando o desperdício.

Carlos Antonio Tavora Araújo – Terra Nova Do Norte/MT

São poucos os produtores que têm infraestrutura adequada para que seus produtos saiam do campo aferidos e embalados adequadamente. Não temos uma legislação atuante e falta muita informação para o agricultor em re-

CAPA 10



Apresentamos nesta edição os custos de produção atualizados de Vargem Grande do Sul (SP) e Sul de Minas, além do levantamento inédito na região de São Gotardo (MG).

FÓRUM 42

Marcos Miyazaki, produtor de batata em São Gotardo (MG), e Mauro Osaki, pesquisador do Cepea, comentam sobre os custos de produção apresentados neste Especial Batata.

HF BRASIL NA REDE

Hf www.hfbrasil.org.br
19 99107.4710
Hortifruti Brasil
@revistahortifrutibrasil
@hfbrasil

SEÇÕES

BATATA		26
CENOURA		28
FOLHOSAS		30
CEBOLA		31
TOMATE		32
UVA		34
MELÃO		35
CITROS		36
MANGA		37
MELANCIA		38
MAÇÃ		39
MAMÃO		40
BANANA		41

EXPEDIENTE

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA-Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:
Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Editora Científica: Margarete Boteon

Editores Econômicos:
João Paulo Bernardes Deleo, Leticia Julião, Larissa Gui Pagliuca e Fernanda Geraldini Palmieri

Editora Executiva:
Daiana Braga MTB: 50.081

Diretora Financeira: Margarete Boteon

Jornalista Responsável:
Alessandra da Paz MTB: 49.148

Revisão:
Daiana Braga, Bruna Sampaio, Caroline Ribeiro, Paulo Palma Beraldo, Nádia Zanirato e Paola Garcia Ribeiro Miori

Equipe Técnica:
Ana Clara Souza Rocha, Bianca Pan dos Santos, Carolina Camargo Nogueira Sales, Caroline Ribeiro, Emanuel Pereira Lima Filho, Fernanda Geraldini Palmieri, Guilherme Giordano Paranhos, Isabela Costa, Isabela Silva dos Santos, Jair de Souza Brito Junior, Laís Ribeiro da Silva Marcomini, Lenise Andresa Molena, Lucas Conceição Araújo, Marcela Guastalli Barbieri, Mariana Coutinho Silva, Mariana Santos Camargo e Rogério Bosqueiro Junior.

Apoio:
FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:
Guia Rio Claro.Com Ltda
enfaserioclaro@gmail.com

Foto da criança na capa:
MGonzales Fotografia
contato@mgonzalesfotopro.com.br

Impressão:
www.graficamundo.com.br

Contato:
Av. Centenário, 1080
Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429-8808
Fax: 19 3429-8829
hfcepea@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

A revista Hortifruti Brasil pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

Para receber a revista **Hortifruti Brasil** eletrônica, acesse www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade, faça seu cadastro gratuito e receba todo mês a revista em seu e-mail!

ESCREVA PARA NÓS.

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:

Hortifruti Brasil - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
ou para: hfcepea@usp.br

lação ao assunto – cada produto deveria ter peso, embalagem e forma de comercialização. Observamos, inclusive, comercializações variadas de acordo com a região, onde alguns produtos são vendidos por peso ou quantidade. Temos o exemplo da banana, que é vendida por dúzia ou por quilo. Na Bahia, a laranja é negociada por cento, enquanto em São Paulo, por quilo. Temos que ter políticas sérias a respeito disso, estudar as regiões e adequar a comercialização a nível nacional.

Adilson Crescencio – Tatuí/SP

Acredito que produtores de HF vêm melhorando o padrão dos seus produtos, se atualizando e utilizando a tecnologia para aumentar produtividade e qualidade.

Paulo Pinheiro Junior – Feira de Santana/BA

A maioria dos produtores não classifica os produtos em um mesmo padrão – sempre tem um produto de segunda no meio. Sem ter um órgão padronizador, será difícil conseguir uma boa classificação!

Aimberé Vaz Pires – São Sepé/RS

O setor avançou. O mundo dos negócios está competitivo e isso eleva a responsabilidade de produtores em investir em qualidade e melhoria na exposição dos produtos no mercado.

Jurandir Montanher – Nova Londrina/PR

Não observo uma padronização de embalagem. Acredito que muito disso é em função de não haver garantia de preços, que acabam variando conforme oferta e procura. Sem essa garantia, o agricultor busca a forma mais barata de produzir e mandar ao mercado. Outra variante é a força dos atravessadores que pressionam as cotações para baixo, visando garantir suas margens de lucratividade.

André Dall'Agnol – Nova Petrópolis/RS

Hortifruti Brasil no WhatsApp



A **Hortifruti Brasil** está no WhatsApp! Neste aplicativo, você pode entrar em contato conosco e também nos enviar fotos para publicarmos na revista! Para isso, basta nos enviar fotos de sua produção, nome e região!

Veja o que nossos leitores nos enviaram!

19 **99107.4710** ✓✓

Especial Florada ✓✓

Everaldo Costa Melo - Paranapuã (SP)



Ulisses Fiorin - Vista Alegre do Alto (SP)



O SUCESSO DA SUA LAVOURA? ESTÁ DEPENDENDO DA SORTE?

Agricultura não é jogo de azar e a Alltech Crop Science tem as soluções para você ganhar mais produtividade, uniformidade e qualidade.

Fale com a nossa equipe

Alltech
CROP SCIENCE

AlltechCropScience.com.br | [f AlltechCropScienceBrasil](https://www.facebook.com/AlltechCropScienceBrasil)



RADAR HF - Campanha "Valorize seu pequeno na agricultura"



Mariana de Figueiredo Moraes -
Conchal (SP)



As gêmeas Danielly e Gabrielly Gomes -
Munhoz (MG)



Luís Fabiano Santos -
Pouso Alegre (SP)



Jadson Galdino -
Casa Nova (BA)



Maria Paula e
Pablo Henrique Montagner -
São Miguel Arcanjo (SP)



João Orletti - Pinheiros (ES)



João Torres Neto - Conchal (SP)



Leticia Brito e
Mateus Brito de Oliveira -
São Félix do Coribe (BA)



Leticia Yukari Nagahashi Machado -
Mogi das Cruzes (SP)



Luan Rodrigues Torres -
Petrolina (PE)



Luigi Emanuel Silva Andrade
Brandão - Bom Repouso (MG)



João Marcos Dante -
Maringá (PR)



Maria Luiza Macewicius Tabai -
Piracicaba (SP)



Amanda e André Costa -
Venda Nova do Imigrante (ES)



Caetano Horák Terra -
Rio Grande (RS)



Davi Keiji Matumoto Goes -
Birita Mirim (SP)



Davi Leonardo Gesser -
Aurora (SC)



Erick Kogler -
Bom Jesus da Lapa (BA)



Laysa Kei Matumoto -
Biritiba Mirim (SP)



Rafael Torezani - Pinheiros (ES)



Os gêmeos Pedro Henrique
e Lorena Boteon Sanches -
Ibitinga (SP)



Leonardo Rocha Mião -
Indaiatuba (SP)



Osmar José Rodrigues -
Eldorado (MS)



Luma Gabriela Silva Andrade Brandão -
Bom Repouso (MG)



Rafael Mendonça -
Petrolina (PE)



Júlia Abreu - Ponte Alta (SC)

Valorize seu pequeno
na agricultura!



A campanha continua!

Mande fotos da criançada para publicarmos
nas próximas edições!

hfcepa@usp.br
ou pelo WhatsApp (19) **99107.4710!**

ESPECIAL BATATA: GE PREÇO RECORDE NÃO É SINÔNIMO DE

Os elevados preços da batata em 2015 e 2016 não foram sinônimos de alta rentabilidade na cultura. Esse resultado se deve a uma conjuntura bastante desfavorável ao setor. O principal fator que limitou a margem do bataticultor foi o aumento acentuado nos custos de produção em 2016, devido, especialmente, à alta do dólar que elevou os preços dos insumos. Além disso, o clima adverso prejudicou a produtividade em muitas regiões, ocasionando fortes oscilações de volume colhido entre as praças.

Por conta da oscilação da produtividade, o custo da batata variou de R\$ 40,77/saca 50 kg, beneficiada (safra de inverno 2015 em Vargem Grande do Sul/SP – grande escala de produção), a R\$ 99,40/sc de 50 kg, beneficiada (safra das águas 2015/16 no Sul de Minas Gerais). Neste mesmo período, os preços da saca de 50 kg da batata estiveram entre R\$ 42,00 e R\$ 212,00, beneficiada. Com isso, dependendo da combinação entre preços de venda da batata e custos, alguns produtores registraram prejuízos em tempos de valores recordes do tubérculo, como foi o caso de bataticultores do Sul de Minas Gerais.

A escala de produção também influencia na rentabilidade do produtor. Na região de Vargem Grande do Sul (SP), o Projeto Custos/Cepea apurou vantagem em termos de custos para o produtor de

grande escala (área de 350 hectares) em relação ao de média (área de 100 hectares).

Ainda que o tamanho da propriedade possa refletir de forma positiva sobre a rentabilidade, é a produtividade o principal fator para se obter a lucratividade, especialmente em anos de adversidades climáticas. Observa-se que os produtores que conseguem produtividade acima da média, mesmo com dificuldades de manejo por conta do clima, fecharam as contas no azul.

Um exemplo é a região de São Gotardo (MG) – nova praça de levantamento de custo de produção de batata pelo Cepea. Na safra 2015/16, essa região mineira colheu, em média, 600 sacas por hectare, superior a nacional. Assim, o custo não foi tão elevado e estes produtores aproveitaram o período de preços altos, fechando muito bem as contas. Irrigação, o uso de sementes de boa qualidade e um bom manejo, por sua vez, foram determinantes para a obtenção da maior produtividade, mesmo com clima desfavorável.

Esta edição traz um detalhamento completo dos custos de produção de três regiões – Vargem Grande do Sul, Sul de Minas e São Gotardo. A pesquisa contou com o apoio da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).

O QUE ESPERAR PARA 2017?

Salvo as adversidades climáticas extremas, 2017 não sinaliza aumento acentuado nos custos de produção. Os fatores que impulsionaram os custos (exceto o clima) em 2016 não deverão manter o mesmo ritmo de alta para o próximo ano.

- **CÂMBIO:** a aposta é de dólar mais baixo ou similar a 2016. A moeda norte-americana tem influência direta e imediata sobre os preços dos fertilizantes – a desvalorização do dólar em 2016, inclusive, já reduziu os valores dos adubos. Já nos defensivos, as oscilações da moeda

norte-americana não são repassadas de forma imediata e, portanto, a recente queda do dólar ainda não teve reflexo nos preços deste insumo.

- **ENERGIA ELÉTRICA:** o valor da energia teve redução em 2016 e não deve registrar forte elevação no próximo ano.
- **COMBUSTÍVEL:** apesar de uma possível mudança nos rumos da política governamental quanto ao preço do combustível, o mercado não aposta em alta que inflacione os custos em 2017.

STÃO SUSTENTÁVEL

ALTA RENTABILIDADE NA BATATICULTURA

- **CRÉDITO:** em 2016, embora mais caro, produtores não tiveram muita dificuldade em captar recursos para o custeio, especialmente pelo fato de os preços da batata terem registrado patamares elevados. Em 2017, se a perspectiva de aumento de oferta se concretizar, o financiador deve ser mais seletivo na concessão de crédito.

Ainda que a tendência não seja de alta expressiva dos custos em 2017, também não há sinais de queda. Assim, as margens podem continuar estreitas para o produtor, que já teve custos bastante elevados nos últi-

mos dois anos. Do lado da demanda, o poder de compra da população brasileira segue enfraquecido, o que deve dificultar repasses integrais dos custos no preço final da batata.

O provável aumento de oferta de batata em 2017, num cenário de custos elevados e de demanda enfraquecida, por sua vez, pode resultar em queda de preços e conseqüente diminuição de rentabilidade. Por isso, aqueles produtores que estão com uma boa saúde financeira podem ter melhores condições de manter o fluxo de caixa.

SÃO GOTARDO É A NOVA PRAÇA NOS ESTUDOS DE CUSTOS

Pela primeira vez, a equipe Hortifruti avalia os custos de produção na região mineira de São Gotardo (MG). Esse estudo é uma parceria entre o Cepea e a Confederação Nacional da Agricultura (CNA), por meio do projeto Campo Futuro. Criado pela CNA e pelo Senar (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) em 2008, o Campo Futuro é uma parceria entre universidades, centros de pesquisa, Federações de Agricultura e Pecuária dos Estados e sindicatos patronais. O projeto alia a capacitação do produtor rural à geração de informação para a administração de custos, de riscos de preços e gerenciamento da produção. Além da batata, esta parceria vai levantar informações de custos de tomate, cenoura, cebola e alface em várias regiões do País.



CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE BATATA BENEFICIADA EM SÃO GOTARDO (MG) SAFRA DAS ÁGUAS DE 2015/16



Fonte: Projeto Campo Futuro CNA - Cepea.

CUSTO DE PRODUÇÃO EM SÃO GOTARDO PERFIL TÍPICO DE PRODUÇÃO (80 hectares)



Pelo primeiro ano, em parceria com a CNA, membros da equipe **Hortifrufruti Brasil** reuniram-se com produtores e técnicos da região mineira de São Gotardo para apurar os custos de produção. A reunião aconteceu em 8 de junho de 2016. A **Hortifrufruti Brasil** já apurou anteriormente os custos de produção no cerrado de Minas Gerais – a primeira foi publicada na edição nº 95 da Revista Hortifrufruti Brasil, de 2010. Na época, o objetivo era levantar o custo de produção que representasse a região do cerrado Mineiro como um todo. Já o trabalho atual foca no sistema de produção de batata específico da região de São Gotardo, representada por produtores do Padap (Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba). De acordo com as estimativas do projeto Hortifrufruti/Cepea, em 2015, o cerrado de Minas Gerais cultivou 18,5 mil hectares de batata, sendo que, desse total, 13 mil hectares foram cultivados na safra das águas, que ainda é a principal da região, mas vem perdendo espaço para a safra de inverno, devido ao crescimento do processamento industrial na região. Os produtores do Padap cultivaram em 2015 cerca de 2,3 mil hectares desse total, sendo 1,8 mil hectares cultivados apenas na

temporada das águas. Mais 500 hectares no inverno são cultivados para produção de sementes.

A safra de verão 2015/16 sofreu com o excesso de chuvas, o que fez com que a produtividade média variasse de 450 até 900 sacas de batata de 50 kg por hectare. A produtividade mais comum na região foi de 600 sacas de 50 kg/hectare, o que foi considerada boa diante das diversidades climáticas desta temporada. Já produtores de outras praças do cerrado de Minas, que plantam sem sistema de irrigação, tiveram a produção prejudicada pelo excesso de chuva e depois pela falta de água, reduzindo muito a produtividade. Aos produtores do Padap, o clima seco não costuma ser problema, visto que as lavouras são irrigadas. No item comercialização, consideraram-se os custos para um sistema terceirizado de beneficiamento da batata (lavadora).

Embora a produção dos bataticultores do Padap some apenas 80 hectares, a colheita é mecanizada, mas com um sistema de *bags*, que demanda mais mão de obra do que o automatizado de grande escala observada em Vargem Grande do Sul (SP), que, por sua vez, tem investimento mais elevado. A colheita mecanizada se viabiliza, mesmo para os 80 hectares, por conta do elevado custo com mão de obra para o sistema de colheita semimecanizado na região.

INVENTÁRIO DE MÁQUINAS E IMPLEMENTOS DA PROPRIEDADE TÍPICA A propriedade típica de 80 hectares de batata em São Gotardo usa em suas operações:

- 5 tratores, sendo três de 75 cv 4x4, um de 110 cv 4x4 e um de 140 cv 4x4.
- 1 grade aradora
- 1 grade niveladora
- 1 subsolador de 11 hastes
- 1 enxada rotativa
- 1 plantadora, com adubadora, de quatro linhas
- 1 adubadora de 1.300 kg
- 2 pulverizadores com barra de 18 metros
- 1 arrancadora de batatas
- 1 fresadora de quatro linhas
- 3 carretas com capacidade para 5 toneladas
- 3 guinchos hidráulicos
- 1 colhedora de batatas
- 1 tanque mícron
- 1 pick-up de pequeno porte
- 1 pick-up de grande porte
- 1 carro
- 1 caminhão

Custo total de produção de batata beneficiada em São Gotardo (MG) - safra das águas 2015/16

Itens	2015/16	
	R\$/ha	%CT
(A) Insumos	11.674,49	27,92%
Fertilizantes.....	5.993,30	14,33%
Defensivos.....	5.681,19	13,58%
(B) Sementes	6.000,75	14,35%
(C) Operações mecânicas para preparo de solo	500,74	1,20%
(D) Operações mecânicas para tratos culturais	791,00	1,89%
Adubação básica.....	167,10	0,40%
Adubação para cobertura.....	18,94	0,05%
Pulverização.....	552,32	1,32%
Amontoa.....	52,64	0,13%
(E) Irrigação	1.500,00	3,59%
(F) Operações para colheita mecânica	503,82	1,20%
(G) Operações mecânicas terceirizadas	115,00	0,27%
(H) Mão de obra	2.475,60	5,92%
(I) Custos administrativos	3.494,75	8,36%
(J) Comercialização/Beneficiamento	4.500,00	10,76%
(K) Arrendamento	4.550,00	10,88%
(L) Financiamento de Capital de Giro	2.375,17	5,68%
(M) Custo Operacional (CO) = A+ B +...+L	38.481,32	92,02%
(N) CARP	3.339,06	7,98%
Custo Total (CT) = M + N	41.820,38	100,00%
Produtividade média	600 sacas/ha	
Custo Total por saca beneficiada	R\$ 69,70	

Fonte: Projeto Campo Futuro CNA - Cepea.



CUSTO DE PRODUÇÃO EM VARGEM GRANDE DO SUL MÉDIA ESCALA DE PRODUÇÃO (100 hectares)

Pelo 10º ano consecutivo, a equipe **Hortifruti Brasil** se reuniu com produtores e técnicos da região de Vargem Grande do Sul para levantar os custos de produção. A reunião aconteceu em 31 de agosto de 2016 na sede da Associação dos Bataticultores de Vargem Grande do Sul (ABVGS). O levantamento de dados teve como objetivo consolidar as estimativas feitas para 2015 no ano passado (publicadas na edição nº 150 da Revista HF Brasil) e fazer um orçamento para a safra de inverno 2016, ainda em andamento. O custo consolidado da temporada 2016 será publicado no *Especial Batata* de 2017, mas os resultados, ainda que prévios, mostram alta nos custos na região paulista.

A propriedade típica de média escala de produção em Vargem Grande do Sul manteve seu perfil de 100 hectares cultivados com batata. Na safra 2015, não houve alteração no inventário em relação à de 2014. Quanto ao rateio na depreciação de máquinas, implementos e benfeitorias, continua sendo feito em função do uso proporcional nas culturas da batata e nas demais – normalmente, o produtor tem

pelo menos uma segunda cultura. O custo para construção do barracão manteve a alta estimada de 10% em 2015, frente a 2014, indo para R\$ 165.000,00, e, em 2016, estima-se novo reajuste de 10%, elevando o valor para R\$ 181.500,00.

Os demais itens também se mantiveram iguais aos do levantamento anterior: terra arrendada, sistema de irrigação com pivô central e serviço de beneficiamento terceirizado. A pulverização continua sendo aérea, exceto a de herbicidas, que é realizada por trator.

Na consolidação da safra 2015, a produtividade média foi de 600 sacas de 50 kg/ha, conforme previsto no *Especial Batata* do ano passado, representando forte quebra, já que o potencial médio da região geralmente é superior a 700 sacas por hectares. Para 2016, a expectativa é um pouco melhor, mas ainda bem abaixo do potencial, de 620 sc/ha. Os motivos das perdas em 2016 são os mesmos do ano passado: clima desfavorável no plantio e no desenvolvimento das lavouras no início da safra. Assim, as primeiras lavouras colhidas, sobretudo em julho, registraram produtividade bem abaixo de média, enquanto as retiradas a partir de agosto e setembro tiveram rendimento próximo ao potencial da região.

MAQUINARIA DA PROPRIEDADE TÍPICA

A propriedade típica de 100 hectares de batata em Vargem Grande do Sul usa em suas operações:

- 3 tratores, sendo dois de 75 cv 4x4 e um de 110 cv 4x4
- 1 grade aradora
- 1 subsolador de 5 hastes
- 1 enxada rotativa
- 1 plantadora, sem adubadora, de quatro linhas
- 1 adubadora de quatro linhas
- 1 aplicador de adubo para cobertura
- 1 pulverizador de 2 mil litros com barra de 18 metros
- 1 arrancadora de batatas
- 1 fresadora de quatro linhas
- 1 guincho hidráulico
- 1 pá carregadora
- 1 tanque micron
- 1 tanque de 6 mil litros
- 1 pick-up de pequeno porte
- 1 caminhão

Custo total de produção de batata beneficiada de MÉDIA ESCALA de produção em Vargem Grande do Sul (SP) - safras de inverno 2015 e 2016

Itens	2015		2016	
	R\$/ha	%CT	R\$/ha	%CT
(A) Insumos	7.788,65	25,11%	8.940,78	23,10%
Fertilizantes	4.565,00	14,72%	5.345,08	13,81%
Defensivos	3.223,65	8,33%	3.595,70	9,29%
(B) Sementes	5.625,00	18,13%	9.375,00	24,23%
(C) Operações mecânicas para preparo de solo	528,15	1,70%	561,91	1,45%
Grade aradora/Encorporação	261,67	0,84%	271,59	0,70%
Subsolagem	102,12	0,33%	117,08	0,30%
Enxada rotativa	96,17	0,31%	101,29	0,26%
Plantio	68,19	0,22%	71,95	0,19%
(D) Operações mecânicas (tratos culturais e amontoa)	618,42	1,99%	683,96	1,77%
Adubação	81,96	0,26%	88,76	0,23%
Amontoa	42,49	0,14%	46,77	0,12%
Pulverizações de herbicidas	43,97	0,14%	48,43	0,13%
Pulverizações aéreas	450,00	1,45%	500,00	1,29%
(E) Irrigação	1.197,43	3,86%	986,38	2,55%
(F) Operações para colheita mecânica (arranquio)	216,24	0,70%	234,42	0,61%
(G) Mão de obra	2.149,20	6,93%	2.216,25	5,73%
(H) Catação no sistema de colheita semimecanizada	1.560,00	5,03%	1.740,00	4,50%
(I) Custos administrativos	1.266,86	4,08%	1.595,88	4,12%
(J) Comercialização/Beneficiamento	5.100,00	16,44%	5.815,60	15,03%
(K) Arrendamento	2.272,73	7,33%	2.892,56	7,47%
(L) Financiamento de Capital de Giro	1.727,46	5,57%	2.569,74	6,64%
(M) Custo Operacional (CO) = A+ B +...+L	30.050,14	96,88%	37.612,48	97,20%
(N) CARP	967,43	3,12%	1.084,32	2,80%
Custo Total (CT) = M + N	31.017,57	100,00%	38.696,80	100,00%
Produtividade média	600 sacas/ha		620 sacas/ha	
Custo Total por saca beneficiada	R\$ 51,70		R\$ 62,41	

Fonte: Cepea



CUSTO DE PRODUÇÃO EM VARGEM GRANDE DO SUL GRANDE ESCALA DE PRODUÇÃO (350 hectares)

Pelo segundo ano, a equipe da **Hortifruti Brasil** calcula os custos de produção para uma propriedade típica de 350 hectares de batata na região paulista de Vargem Grande do Sul. A reunião com produtores e técnicos locais também aconteceu em 31 de agosto de 2016, na sede da Associação dos Bataticultores de Vargem Grande do Sul (ABVGS). Como tradicionalmente é feito para a média escala de produção, a grande escala também apresenta os dados consolidados de 2015 e uma estimativa de custos para 2016.

A estrutura de produção da fazenda de 350 hectares se manteve frente à observada no último estudo (edição nº 150 da Revista Hortifruti Brasil). A principal diferença da grande para a média escala de produção avaliadas na região é que a maior escala utiliza a colheita 100% mecanizada e próprias produção de semente e de beneficiamento. Essas três diferenças frente à propriedade de média escala formam um conjunto bastante competitivo em termos de custos.

O levantamento atual também constatou que os produtores continuam usando tanto terras próprias quan-

to arrendadas. Para padronização do estudo, a **Hortifruti Brasil** manteve seus cálculos baseados na terra arrendada. Se fosse considerar terra própria, a diferença na composição dos custos é que o valor imputado estaria no capital fixo como custo de oportunidade de uso da terra, e não desembolso com arrendamento. Levando-se em conta que a estimativa de custo de oportunidade é o próprio arrendamento, não há diferença no valor final do custo total.

Os itens que compõem o inventário de máquinas e benfeitorias foram iguais aos do último estudo, com a atualização do valor. A estrutura de beneficiamento varia bastante para cada produtor. Alguns têm o barracão na própria fazenda, enquanto outros têm a estrutura de beneficiamento fora da propriedade. No atual estudo, a estrutura do ano passado foi mantida: beneficiamento próprio, mas num local alugado fora da fazenda. A decisão em considerar esse sistema foi dos próprios participantes do “Painel” (que é a reunião entre pesquisadores do Cepea, produtores e técnicos das regiões produtoras para levantamento dos custos).

A pulverização na escala de 350 hectares de produção também é aérea, com exceção de herbicidas, realizada via terrestre. As produtividades foram as mesmas para as duas escalas da região.

MAQUINARIA DA PROPRIEDADE TÍPICA

A propriedade típica de 350 hectares de batata em Vargem Grande do Sul usa em suas operações:

- 10 tratores, sendo dois de 75 cv (um 4x4 e outro 4x2), um de 85 cv, quatro de 110 cv 4x4, um de 120 cv, um de 145 cv, um de 160 cv e um de 240 cv
- 2 arados de 4 discos
- 2 grades aradoras
- 1 subsolador de 9 hastes
- 1 distribuidor de calcário com taxa variável, para 10 toneladas
- 1 enxada rotativa
- 2 plantadoras, sem adubadora, de quatro linhas
- 1 adubadora de quatro linhas
- 2 aplicadores de adubo para cobertura
- 2 pulverizadores de 2 mil litros com barra de 18 metros
- 1 arrancadora de batatas
- 1 colhedora de batatas (colheita 100 mecanizada)
- 1 hidrover
- 6 caçambas
- 2 fresadoras de quatro linhas
- 2 guinchos hidráulicos
- 2 tanques micron
- 1 tanque de 6 mil litros
- 1 van
- 1 pick-up de pequeno porte
- 2 pick-ups de grande porte
- 3 caminhões com sistema roll on

Custo total de produção de batata beneficiada de GRANDE ESCALA de produção em Vargem Grande do Sul (SP) - safras de inverno 2015 e 2016

Itens	2015		2016	
	R\$/ha	%CT	R\$/ha	%CT
(A) Insumos	7.788,65	31,84%	8.940,78	31,99%
Fertilizantes	4.565,00	18,66%	5.345,08	19,12%
Defensivos	3.223,65	11,53%	3.595,70	12,87%
(B) Sementes	2.880,00	11,77%	3.505,80	12,54%
(C) Operações mecânicas para preparo de solo	351,09	1,44%	370,93	1,33%
Grade aradora/Encorporação	114,68	0,47%	119,09	0,43%
Subsolagem	49,71	0,20%	52,61	0,19%
Enxada rotativa	90,48	0,37%	97,06	0,35%
Plantio	96,22	0,39%	102,17	0,37%
(D) Operações mecânicas (tratos culturais e amontoa)	573,26	2,34%	635,99	2,28%
Adubação	83,21	0,34%	87,89	0,31%
Amontoa	47,16	0,19%	51,21	0,18%
Pulverizações de herbicidas	42,89	0,18%	46,89	0,17%
Pulverizações aéreas	400,00	1,64%	450,00	1,61%
(E) Irrigação	1.546,08	6,32%	1.184,26	4,24%
(F) Operações para colheita mecânica	573,57	2,34%	559,14	2,00%
(G) Mão de obra - fazenda	1.202,70	4,92%	1.260,55	4,51%
(H) Mão de obra - beneficiadora e câmara fria	796,94	3,26%	885,49	3,17%
(I) Custos administrativos	857,27	3,50%	1.037,56	3,71%
(J) Comercialização/Beneficiamento	2.711,43	11,08%	3.115,60	11,15%
(K) Arrendamento	2.272,73	9,29%	2.892,56	10,35%
(L) Financiamento de Capital de Giro	1.396,65	5,71%	1.951,77	6,98%
(M) Custo Operacional (CO) = A+ B +...+L	22.950,37	93,82%	26.340,43	94,24%
(N) CARP	1.513,06	6,18%	1.608,46	5,76%
Custo Total (CT) = M + N	24.463,43	100,00%	27.948,89	100,00%
Produtividade média	600 sacas/ha		620 sacas/ha	
Custo Total por saca beneficiada	R\$ 40,77		R\$ 45,08	

Fonte: Cepea



CUSTO DE PRODUÇÃO NO SUL DE MINAS GERAIS SAFRA DAS ÁGUAS – PERFIL TÍPICO DE 8 HECTARES

O custo da safra das águas nessa região foi apurado pelo sétimo ano consecutivo pela **Hortifruti Brasil**. Assim como nos demais encontros, a reunião com produtores e técnicos locais ocorreu em Pouso Alegre (MG), na Associação de Bataticultores do Sul de Minas Gerais (Abasmig), no dia 30 de agosto de 2016. Os dados levantados representam os custos finais da temporada das águas 2015/16. Para efeito de comparação, repetem-se os valores já publicados da temporada 2014/15 (*Especial Batata* de 2015).

O perfil típico de uma propriedade bataticultora na safra das águas do Sul de Minas se mantém em oito hectares. Observa-se que, mesmo após preços elevados desde a temporada 2012/13, produtores não voltaram a plantar os 10 hectares da safra 2011/12. Os motivos são ora clima desfavorável e ora escassez de sementes.

As características da propriedade típica também são as mesmas. O cultivo ocorre em áreas arrendadas e a maioria dos produtores ainda não adota irrigação, já que a safra ocorre em período de chuvas. No entanto, alguns produtores têm improvisado algum tipo de

irrigação emergencial, no caso de falta de água.

O inventário da propriedade também é o mesmo da coleta anterior. O CARP (Custo Anual de Recuperação do Patrimônio) continua sendo rateado entre as culturas do *portfólio* do produtor. Entre as regiões bataticultoras acompanhadas pelo Cepea, o Sul de Minas na temporada das águas é a que apresenta menor inventário de máquinas, já que os produtores são de pequena escala. As operações de plantio são feitas manualmente. Os demais itens da estrutura de custos se mantiveram tais como registrados em 2015.

A produtividade da região, que já havia sido prejudicada na temporada 2014/15, quando caiu de 660 sacas por hectare para 600 sacas por hectare, foi ainda mais prejudicada em 2016, reduzindo para 400 sacas por hectare. No ano passado, a seca prejudicou a produtividade, ao passo que em 2016 foi o excesso de chuva. Assim, a produtividade foi “o grande divisor de águas” entre o produtor que conseguiu boa capitalização e o que obteve prejuízo. Bataticultores que atingiram produtividade acima de 400 sacas/ha foram beneficiados pelos elevados preços da batata no mercado. Já os que tiveram rendimento igual ou abaixo dessa média terminaram a safra no prejuízo, mesmo diante de preços de venda recordes da batata.

MAQUINARIA DA PROPRIEDADE TÍPICA

A propriedade típica de batata no Sul de Minas usa em suas operações:

- 1 trator de 75 cv 4x4
- 1 trator de 90 cv 4x4
- 1 arado de 4 discos de 28 polegadas
- 1 grade niveladora
- 1 distribuidor de calcário de 600 kg
- 1 adubadora
- 1 carreta com capacidade para 3 toneladas
- 1 enxada rotativa
- 1 subsolador de 5 hastes
- 1 roçadeira de 3 hélices
- 1 pulverizador com barra hidráulica
- 1 arrancadora de batatas
- 1 sulcador com adubadora
- 1 adubadora de três linhas
- 1 pick-up de pequeno porte

Custo total de produção de batata beneficiada no Sul de Minas Gerais - safras das águas 2014/15 e 2015/16

Itens	2014/15		2015/16	
	R\$/ha	%CT	R\$/ha	%CT
(A) Insumos	6.728,28	21,14%	9.048,10	22,76%
Fertilizantes	3.700,00	11,63%	4.580,00	11,52%
Defensivos	3.028,28	9,51%	4.468,10	11,24%
(B) Sementes	3.960,00	12,44%	7.200,00	18,11%
(C) Operações mecânicas para preparo de solo	808,81	2,54%	873,12	2,20%
Aração	339,01	1,07%	365,79	0,92%
Enxada Rotativa/Encorporação	331,41	1,04%	357,33	0,90%
Subsolagem	96,44	0,30%	104,54	0,26%
Calcário	41,95	0,13%	45,46	0,11%
(D) Operações mecânicas para tratos culturais	349,71	1,10%	376,75	0,95%
Adubação básica	67,17	0,21%	72,57	0,18%
Adubação para cobertura	24,55	0,08%	26,58	0,07%
Pulverização de inseticidas	117,27	0,37%	126,18	0,32%
Pulverização de fungicidas	117,27	0,37%	126,18	0,32%
Pulverização de herbicidas	23,45	0,07%	25,24	0,06%
(E) Operações para colheita mecânica (arranquio)	401,33	1,26%	433,73	1,09%
(F) Mão de obra	3.330,62	10,46%	4.807,50	12,09%
(G) Catação no sistema de colheita semimecanizada	2.088,57	6,56%	1.760,00	4,43%
(H) Custos administrativos	2.507,77	7,88%	2.665,25	6,70%
(I) Comercialização/Beneficiamento	4.800,00	15,08%	4.200,00	10,56%
(J) Arrendamento	2.479,34	7,79%	3.305,79	8,31%
(K) Financiamento de Capital de Giro	1.385,85	4,35%	1.806,10	4,54%
(L) Custo Operacional (CO) = A+ B +...+K	28.840,28	90,62%	36.476,34	91,74%
(M) CARP	2.986,75	9,38%	3.284,73	8,26%
Custo Total (CT) = L + M	31.827,03	100,00%	39.761,07	100,00%
Produtividade média	600 sacas/ha		400 sacas/ha	
Custo Total por saca beneficiada	R\$ 53,05		R\$ 99,40	

Fonte: Cepea



CUSTO DE PRODUÇÃO NO SUL DE MINAS GERAIS SAFRA DE INVERNO – PERFIL TÍPICO DE 20 HECTARES

Esta é a segunda vez que a **Hortifruti Brasil** faz o levantamento de custos de produção no Sul de Minas para a safra de inverno. A reunião foi na mesma data e local do levantamento realizado para a safra das águas. Os dados obtidos representam os custos finais da temporada de inverno 2015. Assim como foi feito na safra das águas, para efeito de comparação entre os dois últimos anos, são apresentados os dados também da safra de inverno 2014, já publicados na edição *Especial Batata* de 2015. A importância de se estudar tanto a safra de inverno quanto a das águas está nas diferentes escalas e custos de produção. Além disso, a safra de inverno exige irrigação.

O perfil típico de uma propriedade bataticultora na safra de inverno do Sul de Minas é de 20 hectares, com cultivo predominante em área arrendada. Todas as áreas cultivadas nesse período adotam sistemas de irrigação, já que a safra ocorre em época de

pouca chuva. As menores temperaturas do período, associadas à possibilidade de controle de umidade por meio da irrigação, permitem que a produtividade média seja superior à da temporada das águas. Porém, em 2015, o clima desfavorável fez com que a produtividade dessa temporada também ficasse abaixo do potencial da região. Na média de 2014, a produtividade ficou em 660 sacas/ha, enquanto que, em 2015, foi de apenas 550 sacas/ha.

Quanto ao inventário da propriedade, se manteve praticamente o mesmo do ano passado, havendo apenas um reajuste de valores para a safra em questão. O sistema de irrigação mais comum continua sendo aspersão.

O CARP (Custo Anual de Recuperação do Patrimônio) continua sendo rateado entre as culturas do *portfólio* do produtor. Bataticultores que produzem no inverno geralmente também cultivam em outros períodos, o que faz com que alguns estejam em safra o ano todo. Portanto, o produtor que cultiva 20 hectares no período de inverno chega a produzir área anual em torno de 40 hectares.

MAQUINARIA DA PROPRIEDADE TÍPICA

A propriedade típica de batata no Sul de Minas usa em suas operações:

- 2 tratores de 75 cv 4x4
- 1 trator de 90 cv 4x4
- 1 arado de 4 discos de 28 polegadas
- 1 grade aradora
- 1 grade niveladora
- 1 distribuidor de calcário de 600 kg
- 1 plantadora, sem adubadora, de três linhas
- 1 fresadora
- 1 carreta com capacidade para 3 toneladas
- 1 enxada rotativa
- 1 subsolador de 5 hastes
- 1 roçadeira de 3 hélices
- 1 pulverizador de com barra hidráulica
- 1 arrancadora de batatas
- 1 sulcador com adubadora
- 1 adubadora de três linhas
- 1 pick-up de pequeno porte
- 1 conjunto de irrigação de aspersão

Custo total de produção de batata beneficiada no Sul de Minas Gerais - safra de inverno 2014 e 2015

Itens	2014		2015	
	R\$/ha	%CT	R\$/ha	%CT
(A) Insumos	6.728,28	22,91%	7.614,40	22,71%
Fertilizantes	3.700,00	12,60%	4.160,00	12,41%
Defensivos	3.028,28	10,31%	3.454,40	10,30%
(B) Sementes	3.960,00	13,48%	5.400,00	16,10%
(C) Operações mecânicas para preparo de solo	970,45	3,30%	1.118,36	3,34%
Aração	312,43	1,06%	366,12	1,09%
Enxada rotativa/Encorporação	307,89	1,05%	358,93	1,07%
Subsolagem	89,21	0,30%	105,04	0,31%
Calcário	38,54	0,13%	45,57	0,14%
Plantio	222,38	0,76%	242,70	0,72%
(D) Operações mecânicas para tratos culturais	324,62	1,11%	377,83	1,13%
Adubação básica	61,77	0,21%	72,58	0,22%
Adubação para cobertura	22,63	0,08%	26,69	0,08%
Pulverização de inseticidas	109,19	0,37%	126,62	0,38%
Pulverização de fungicidas	109,19	0,37%	126,62	0,38%
Pulverização de herbicidas	21,84	0,07%	25,32	0,08%
(E) Irrigação	980,00	3,34%	1.140,00	3,40%
(F) Operações para colheita mecânica (arranquio)	370,80	1,26%	434,93	1,30%
(G) Mão de obra	3.111,87	10,60%	4.073,00	12,15%
(H) Catação no sistema de colheita semimecanizada	2.410,00	8,21%	2.360,00	7,04%
(I) Custos administrativos	998,61	3,40%	1.031,91	3,08%
(J) Comercialização/Beneficiamento	5.600,00	19,07%	5.225,00	15,58%
(K) Arrendamento	1.033,06	3,52%	1.652,89	4,93%
(L) Financiamento de Capital de Giro	1.266,19	4,31%	1.490,97	4,45%
(M) Custo Operacional (CO) = A + B +...+ L	27.753,88	94,50%	31.919,29	95,19%
(N) CARP	1.614,05	5,50%	1.614,05	4,81%
Custo Total (CT) = M + N	29.367,93	100,00%	33.533,34	100,00%
Produtividade média	660 sacas/ha		550 sacas/ha	
Custo Total por saca beneficiada	R\$ 44,50		R\$ 60,97	

Fonte: Cepea

Agora a DuPont traz ainda mais proteção para a sua lavoura ir além

Verimark® e **Benevia®** trazem um novo conceito na proteção da lavoura e no manejo de produção. O Programa permite controle eficiente das pragas mais importantes desde o início do ciclo, proporcionando plantas saudáveis e vigorosas.

Ambos possuem o ativo Ciantraniliprole que apresenta espectro cruzado com alta performance no controle das principais pragas mastigadoras* e sugadoras*.

Verimark® alvos

- ✓ **Mosca-branca**
(*Bemisia tabaci*)
(*Bemisia tabaci* raça B)
- ✓ **Mosca-minadora**
(*Liriomyza huidobrensis*)
(*Liriomyza sativae*)
(*Liriomyza* spp)
- ✓ **Traça-das-crucíferas**
(*Plutella xylostella*)
- ✓ **Lagarta-mede-palmo**
(*Trichoplusia ni*)
- ✓ **Traça-da-batata**
(*Phthorimaea operculella*)
- ✓ **Pulgão-verde**
(*Myzus persicae*)

Benevia® alvos

- ✓ **Mosca-branca**
(*Bemisia tabaci*)
(*Bemisia tabaci* raça B)
- ✓ **Mosca-minadora**
(*Liriomyza huidobrensis*)
(*Liriomyza sativae*)
(*Liriomyza* spp)
- ✓ **Traça-das-crucíferas**
(*Plutella xylostella*)
- ✓ **Broca-pequena-do-tomateiro**
(*Neoleucinodes elegantalis*)
- ✓ **Broca-da-vagem**
(*Etiella zinckenella*)
- ✓ **Lagarta-mede-palmo**
(*Trichoplusia ni*)
- ✓ **Broca-das-cucurbitáceas**
(*Diaphania nitidalis*)
- ✓ **Broca-do-café**
(*Hypothenemus hampei*)
- ✓ **Bicho-mineiro-do-café**
(*Leucoptera coffeella*)

*Acesse a bula no site www.dupontagricola.com.br e saiba mais sobre os produtos.



Os LMRs e Tolerâncias de Importação para culturas tratadas com Verimark® e Benevia® podem estar pendentes em alguns países. Consulte seu exportador, importador ou a DuPont antes de aplicar Verimark® e Benevia® nas culturas de exportação. Cyazypyr® é a marca comercial do ingrediente ativo Ciantraniliprole. ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO. Produto de uso agrícola. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos do produto.

DuPont™ Verimark®

inseticida

powered by
CYAZYPYR®

DuPont™ Benevia®

inseticida

powered by
CYAZYPYR®

Benefícios



Melhor estabelecimento da cultura



Plantas mais vigorosas que proporcionam melhores resultados



Uma só molécula com espectro cruzado no manejo das mais importantes pragas



Controla diversas fases do ciclo da praga resultando em alta performance



Maior proteção, ação sistêmica e translaminar



Ganhos adicionais em produtividade e qualidade



BENEVIA® | FOLIAR

DuPont™ Benevia® é um inseticida registrado para **30 culturas**. Possui formulação à base de óleo 100 OD - Dispersão de Óleo, para aplicações foliares.

VERIMARK® | SOLO

DuPont™ Verimark® é um inseticida registrado para **28 culturas**. Possui formulação 200 SC - Suspensão Concentrada, para aplicações via solo.

O aumento da produtividade e rentabilidade foram observados em campos experimentais, onde foram utilizados os produtos Verimark® e Benevia®, seguindo corretamente as informações de dosagem e aplicação. O aumento de produtividade e rentabilidade depende também de outros fatores, como condições de clima, solo, manejo, estabilidade do mercado, entre outros. Dados disponibilizados pela área de Pesquisa da DuPont. Consulte sobre a aprovação do cadastro estadual do produto Verimark®, em seu estado, para as diferentes culturas registradas. O produto Verimark® está liberado para comercialização no PR (com restrição na cultura do fumo para o alvo *Phthorimaea operculella*).

Para mais informações:

TeieDuPont
0800 707 55 17 Agrícola
www.dupontagricola.com.br



CUSTOS ACIMA DE R\$ 60,00 PARA VARGEM GRANDE DO SUL EM 2016

A expectativa de alta dos custos para a safra de 2015 em Vargem Grande do Sul se confirmou. A previsão é que a temporada 2016 também feche com custos mais elevados. Além de preços de insumos mais altos, a menor produtividade também inflacionou o custo da batata por saca produzida.

Para o cultivo de 100 hectares, os custos totais de produção estimados em 2016 estão em R\$ 38.696,80/ha, alta de 24,8% frente a 2015 e de 41% em relação à de 2014. Analisando-se os valores por saca, a alta é ainda mais acentuada, já que a produtividade em 2014 foi bastante superior à dos últimos dois anos (a média ficou em 700 sacas/ha em 2014, em 600 sacas/ha em 2015 e em 620 sacas/ha em 2016). A ligeira recuperação na

produtividade média observada de 2015 para 2016 atenua um pouco o efeito da valorização dos insumos. A estimativa de custo da saca de 50 kg em 2016 está em R\$ 62,41, valor 20,7% acima da média de 2015 e 59% superior à de 2014.

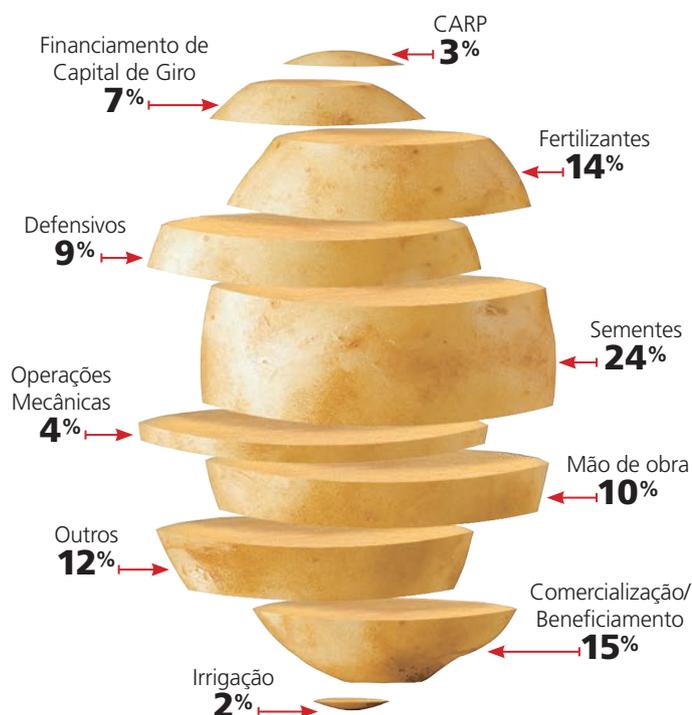
Na escala maior, considerando-se o cultivo de 350 hectares, também verifica-se alta, mas de forma menos acentuada que a da média escala. No acumulado dos últimos dois anos, o aumento neste caso foi de 29% por hectare, com o custo por hectare em 2016 em R\$ 27.948,89, alta de 14,2% frente ao de 2015.

O custo por saca apresentou o mesmo comportamento da média escala de produção, já que praticamente não há diferença de produtividade em função da escala. A estimativa é que a saca de 50 kg custa, em média, em 2016, R\$ 45,08, valor 45,6% maior que em 2014. Comparando com 2015, a alta é de 10,5%.

CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE BATATA BENEFICIADA EM VARGEM GRANDE DO SUL

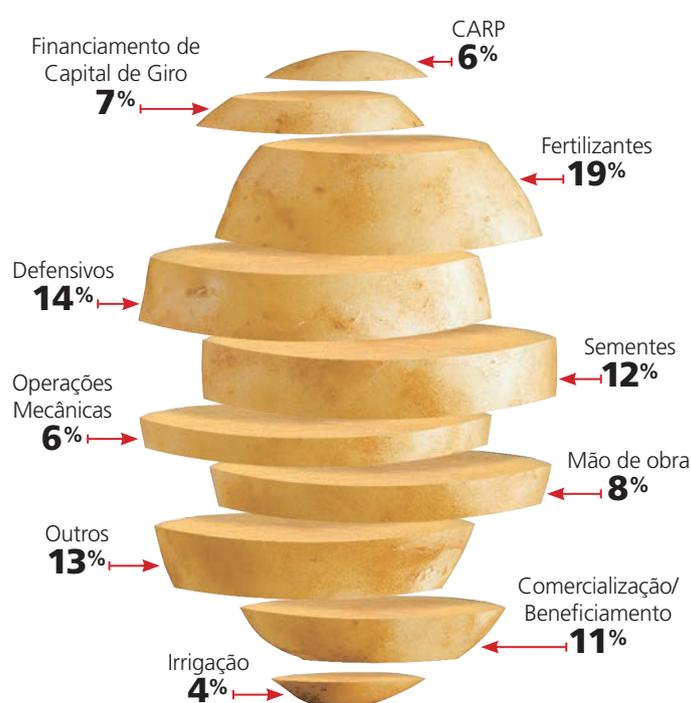
Safra de inverno 2016 (Média Escala)

R\$ 62,41/sc



Safra de inverno 2016 (Grande Escala)

R\$ 45,08/sc



Fonte: Cepea



CUSTOS DISPARAM NO SUL DE MINAS GERAIS E SE APROXIMAM DE R\$ 100/SC

Os custos totais de produção por área cultivada no Sul de Minas Gerais subiram 24,9% entre as temporadas das águas 2014/15 e 2015/16, indo para R\$ 39.761,07/ha. A alta nos preços de muitos insumos na temporada das águas do Sul de Minas Gerais teve todo o impacto na temporada 2015/16, já que, na safra anterior, a compra da maior parte de insumos foi realizada antes do aumento nas cotações. Para a temporada 2016/17, o aumento nos custos pode ser mais tímido, visto que os preços de alguns insumos caíram, como é o caso dos fertilizantes.

Já o custo unitário (por saca de 50 kg da batata beneficiada) teve aumento bem mais acentuado, de 87,4%, resultado da baixa produtividade neste ano (de apenas 400 sacas por hectare), indo para R\$ 99,40.

Para a safra de inverno 2015, a alta nos custos de produção foi menor, visto que produtores realizaram as compras em 2015 antes do forte aumento nos preços dos insumos. Em 2015, os custos por hectare na safra de inverno foram de R\$ 33.533,34, valor 14,2% acima do observado em 2014. Já os custos unitários tiveram elevação mais expressiva, de 37% frente aos de 2014, indo para R\$ 60,97 em 2015, devido ao clima desfavorável, que prejudicou também a produtividade, que ficou abaixo do potencial, em 550 sacas por hectare.

O que mais impactou na alta dos custos foi a semente, sobretudo na safra das águas (+81,8%). Para a safra de inverno a alta nos custos com semente também foi elevado (36,4%), mas ainda bastante inferior a alta ocorrida nas águas. O motivo é que naquele período a demanda e escassez por semente ainda não eram tão grandes como observado posteriormente.

CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE BATATA BENEFICIADA NO SUL DE MINAS GERAIS

Safra das águas 2015/16

R\$ 99,40/sc



Safra de inverno 2015

R\$ 60,97/sc



Fonte: Cepea



Com menor oferta, preço pode voltar a subir

Vargem Grande Sul encerra colheita em outubro

Na reta final de colheita de batata, Vargem Grande do Sul (SP) oferta em outubro os 10% restantes do total estimado para a região. Também ofertam o tubérculo em outubro o Sudoeste Paulista, que deve colher 50% da área cultivada para o inverno, Cristalina (GO), Sul de Minas e Triângulo Mineiro. Em todo País, a área colhida em outubro deve diminuir 30% em relação a setembro, resultando em queda no volume ofertado e numa possível reação dos preços. Na média da temporada da região paulista, de julho a setembro, o preço do tubérculo beneficiado foi de R\$ 76,21/saca de 50 kg, valor 65,75% maior que os custos de produção, estimados em R\$ 45,98/sc. Mesmo com as quedas em setembro, a maioria dos produtores encerra a safra com rentabilidade positiva. Já a qualidade dos tubérculos, até então considerada boa, pode cair por conta do calor e de chuvas, que elevam os riscos de problemas fitossanitários.

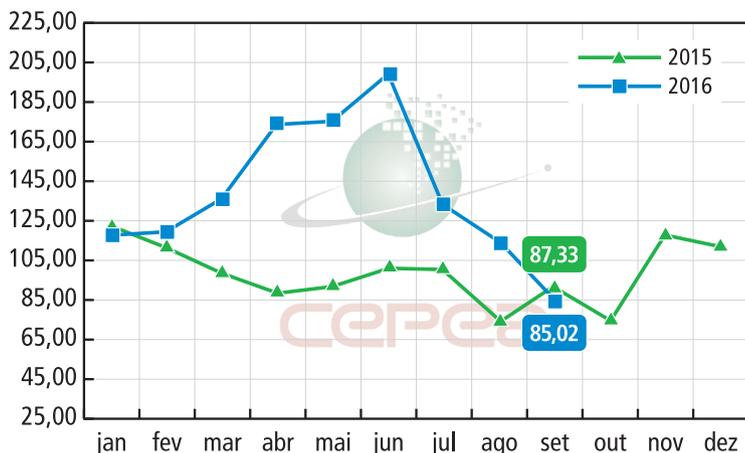
Cristalina tem resultados prévios positivos

Produtores de Cristalina (GO) avançam a colheita de batata com rentabilidade positiva. Entre julho e setembro, o preço médio da ágata beneficiada foi de R\$ 80,97/sc na região, 80% acima dos custos de produção, estimados em R\$ 44,96/sc de 50 kg no mesmo período. A qualidade do tubérculo também vem sendo considerada boa (pele e tamanho

bons), embora o aumento das temperaturas no final do último mês possa prejudicar a pele, o que causaria o escurecimento e redução do valor comercial do produto. Até setembro, 75% da área cultivada na temporada 2016 havia sido colhida. Em outubro, a região deve colher outros 18%, representando 17% do total colhido no País no período. Nesta praça, novembro deve ser o último mês de colheita de batata com, apenas, 8% da área total. Na média da safra (de junho até setembro), a produtividade está em 46,3 t/ha, 11% acima da registrada em igual intervalo da temporada passada. Normalmente, a produtividade é menor no início da safra, recuperando-se no decorrer da temporada, à medida que as condições climáticas ficam mais favoráveis, com menos chuvas e temperaturas menores.

Cultivo da safra das águas avança no PR e MG

O plantio da primeira safra de batata em Guarapuava (PR) deve ser concluído em outubro, com o cultivo da segunda safra iniciando em novembro. A expectativa é que a área total aumente em torno de 20% na região, em relação ao ano anterior. Até o momento, o desenvolvimento dos tubérculos é satisfatório, de acordo com produtores locais consultados pelo Cepea. Em condições também favoráveis, as áreas cultivadas com batata em Curitiba (PR), São Matheus do Sul (PR) e Ibiraiaras/ Sta. Maria (RS) encerraram o plantio em setembro. Ponta Grossa e Irati (PR) devem finalizar o cultivo em outubro, enquanto Água Doce (SC) e Bom Jesus (RS) intensificam os trabalhos de campo. No Sul de Minas, até setembro, foram plantados 55% da área, com outros 35% devendo ser cultivados em outubro e os 10% restantes, até a segunda quinzena de novembro. A área de cultivo nessa região deve se manter estável em relação à safra passada. No Triângulo Mineiro, o ritmo de cultivo ainda é lento, com as atividades tendo iniciado em meados de setembro somente em áreas de pivô. Produtores que plantam em áreas de sequeiro devem começar o cultivo em outubro, com o típico aumento das chuvas na região.



Preço recua novamente em setembro

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepea





Knowledge grows

Qualidade total da produção à mesa.

O Programa Nutricional Yara para Batatas foi desenvolvido por meio da combinação entre diferentes produtos Yara. O fornecimento dos nutrientes ideais em cada etapa do plantio proporciona tubérculos com mais resistência no transporte, qualidade no varejo, mais sabor para o consumidor final e muito mais rentabilidade para o produtor.



YaraBela® YaraMila®



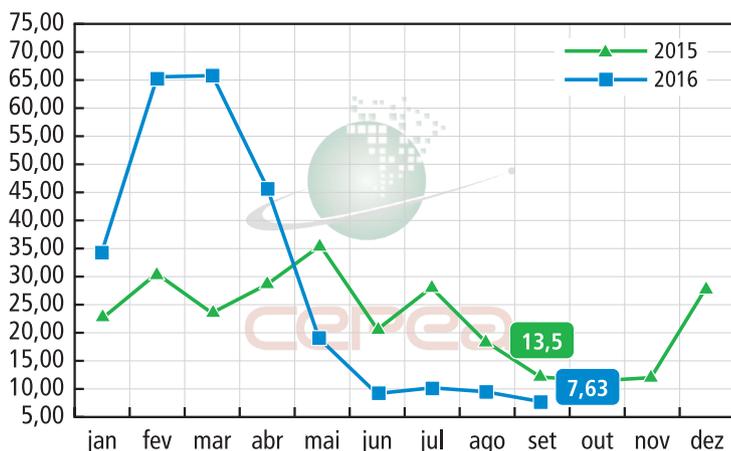
Excesso de oferta no Cerrado freia alta nos preços

Minas Gerais abastece País e preço tem nova queda

Os preços da cenoura tiveram novas quedas em setembro na maioria das regiões consultadas pelo Cepea, refletidos na oferta elevada em São Gotardo (MG). Nem mesmo o menor volume de Irecê (BA) e Caxias do Sul (RS) impediu recuos nas cotações. Do início da safra de inverno, em agosto, até o final de setembro, a caixa suja de 29 kg de cenoura foi cotada na média de R\$ 8,30 na região mineira, valor 6,4% maior que o custo de produção, estimado em R\$ 7,80 no mesmo período. Apesar desse resultado positivo, na média, foi o mês de agosto que apresentou uma margem mais remuneradora, quando os preços médios foram de R\$ 9,00/caixa "suja" de 29 kg, enquanto que em setembro os valores caíram para R\$ 7,63/cx. A produtividade média em São Gotardo foi estimada em 87 t/hectare em setembro, 5% maior que a do mesmo período do ano passado. O alto nível de produtividade é um dos principais fatores que vem mantendo o excesso de oferta de cenoura no mercado e, com isso, preços em baixos patamares. De acordo com produtores locais, além da produtividade alta, a qualidade da cenoura produzida também é boa.

Preços na Bahia têm alta em setembro

Depois de cair por cinco meses seguidos, a caixa de 20 kg da cenoura "suja" em Irecê (BA) se



valorizou 88% em setembro frente ao mês anterior, com a média passando para R\$ 7,80. Com a alta, o preço médio ainda conseguiu ultrapassar o custo de produção estimado em 2,5%. Em agosto, a cenoura registrou o menor valor desde out/13, de R\$ 4,15/cx. A alta de setembro se deu em função da forte queda na oferta da região, e também da redução no volume ofertado no Paraná e Rio Grande do Sul. A quantidade colhida no Nordeste vem diminuindo desde a segunda semana de setembro. Devido aos baixos preços em meses anteriores, parte dos produtores deixou de plantar a raiz ou reduziu o cultivo. Essa desaceleração no plantio ocorreu a partir de junho. Com a redução da oferta de Irecê, compradores nordestinos passaram a buscar cenoura em Minas Gerais e Goiás, onde o volume colhido seguiu elevado em setembro, sobretudo no cerrado mineiro, limitando as valorizações. A expectativa é que a oferta na região baiana volte a aumentar em dezembro. Com a melhora no mercado em setembro, produtores voltaram a plantar. O Rio Grande do Sul, outra região que havia reduzido a área colhida, também deve voltar a ofertar um maior volume de cenoura, tornando a elevar a oferta nacional.

Cristalina também segue com oferta elevada

Cristalina (GO) é outra região do cerrado que vem apresentando oferta de cenoura elevada. A produtividade na praça goiana foi estimada em 106 t/ha em setembro, 33% maior que a do mesmo período do ano passado. Além disso, agentes do setor acreditam em aumento na área cultivada nesta safra, impulsionada pelos altos patamares de preços no primeiro semestre do ano. Do início da temporada de inverno na região, em julho, até o final de setembro, a caixa da cenoura suja de 29 kg foi cotada na média de R\$ 8,20, valor 20% abaixo dos custos de produção estimados no mesmo período, em R\$ 10,20. Além da maior produtividade, a qualidade da cenoura que vem sendo ofertada em Cristalina é boa, favorecida pela menor ocorrência de problemas fitossanitários.



Preço recua em MG

Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo pela cenoura "suja" na roça - R\$/cx 29 kg

Fonte: Cepea



CENOURA DE VERÃO

ERICA F1

Força e qualidade para uma ótima colheita



- Ótima coloração interna e externa
- Tolerância ao pendoamento
- Excelente padrão comercial
- Resistências: Ad, Cc e Xhc



SEMENTES QUE FAZEM A DIFERENÇA



ACESSE NOSSO SITE E CONHEÇA A LINHA COMPLETA.

ALFACE AMERICANA
TIFFANY

LANÇAMENTO

CEBOLA
CELEBRA F1RÚCULA
MIRELLA

LANÇAMENTO

TOMATE SALADETE
PARMA F1

LANÇAMENTO

TOMATE SALADETE
CARIRI F1

LANÇAMENTO

Ad - Alternaria dauci / Cc - Cercospora carotae
Xhc - Xanthomonas hortovorum pv. carotae

24 2222-9000
www.AGRISTAR.com.br



foto: José Carlos - Ribeirão Preto (SP)

Preço de setembro é o menor em dois anos

Menor oferta pode movimentar mercado

O volume de folhosas ofertado no Sudeste do País deve diminuir em outubro, refletindo a queda na quantidade transplantada nos últimos meses, devido ao inverno prolongado principalmente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Outro fator que impacta na menor área para colheita neste mês e na qualidade das folhosas é a previsão de aumento no volume de chuvas, que pode prejudicar a produtividade – inclusive, esta preocupação com as chuvas já tem resultado em maior cultivo hidropônico em praças paulistas. As temperaturas mais elevadas também pode fazer com que o ciclo de desenvolvimento das folhosas se normalize. Com a menor disponibilidade e a consequente redução nas sobras e descartes, a alface pode voltar a se valorizar. Por outro lado, a demanda deve seguir enfraquecida no correr do mês, devido aos feriados, o que pode limitar as oscilações nos preços.

Produtores devem iniciar transplântio de verão

Em outubro, produtores de Mogi das Cruzes (SP) e Ibiúna (SP) devem iniciar o transplântio das folhosas de verão, mais resistentes à chuva. Com isso, as vendas de mudas voltaram a se aquecer, depois de caírem nos últimos meses da safra de inverno (agosto e setembro). Nesse período, o volume de mudas comercializadas diminuiu 39% em relação a igual intervalo de 2015, resultado do inverno prolongado no

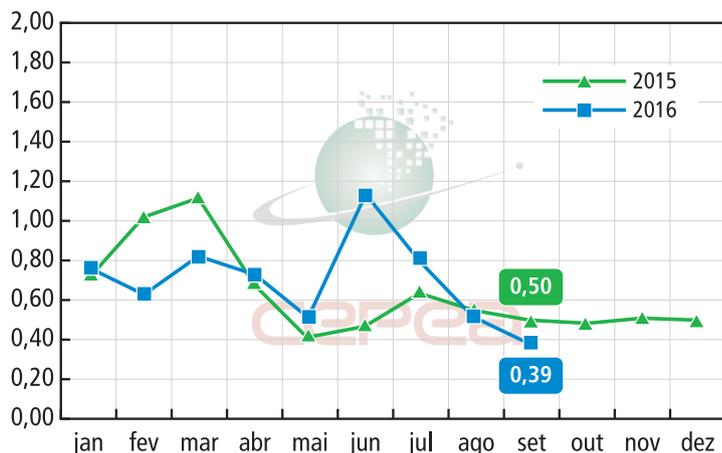
Sudeste. Produtores pretendem manter a quantidade plantada no verão passado, com expectativa de que a produtividade seja elevada. Em algumas regiões, pode haver um aumento na participação da alface americana em relação à crespa, devido à maior demanda.

Hidroponia deve crescer com a volta da estação das chuvas

As chuvas frequentes e volumosas previstas para outubro em Mogi das Cruzes (SP) e Ibiúna (SP) devem elevar o cultivo hidropônico de folhosas nessas regiões. O sistema reduz a exposição da planta ao clima adverso. Dessa forma, as folhosas hidropônicas geralmente apresentam melhor qualidade e maior valor em relação às alfaces produzidas a partir do método convencional. Tradicionalmente, a primavera é a estação marcada pela volta das chuvas no Sudeste do País. Já durante o inverno, as folhosas cultivadas em campo aberto são mais competitivas, pois a produtividade e a qualidade melhoram. Além disso, a diferença de preço entre os produtos diminui.

Com desvalorização, alface tem menor preço dos últimos dois anos

A oferta elevada combinada à baixa demanda pressionaram as cotações das alfaces durante a safra de inverno. Isso porque, para tentar escoar a alta produção na Ceagesp e diminuir as sobras, atacadistas reduziram os valores das folhosas. Assim, em setembro, os preços das alfaces registraram os menores patamares para o período dos últimos dois anos, em termos nominais. A alface crespa foi cotada na média de R\$ 9,50/cx com 24 unidades na Ceagesp em setembro, queda de 22% em relação ao mesmo período de 2015 e de 17% frente a 2014. Na região produtora de Mogi das Cruzes (SP), a alface crespa foi comercializada em média por R\$ 7,32/cx com 20 unidades em setembro, valor 31% abaixo do custo de produção estimado e 12% inferior ao de set/14, quando produtores enfrentaram dificuldades na produção por conta da seca. Apesar dos preços menores, a expectativa é que a safra finalize em um cenário um pouco mais favorável.



Preço tem queda pelo quarto mês consecutivo

Preços médios de venda da alface crespa no atacado de São Paulo - R\$/unidade

Fonte: Cepea





foto: Agnaldo Alves da Silva - Monte Alto (SP)

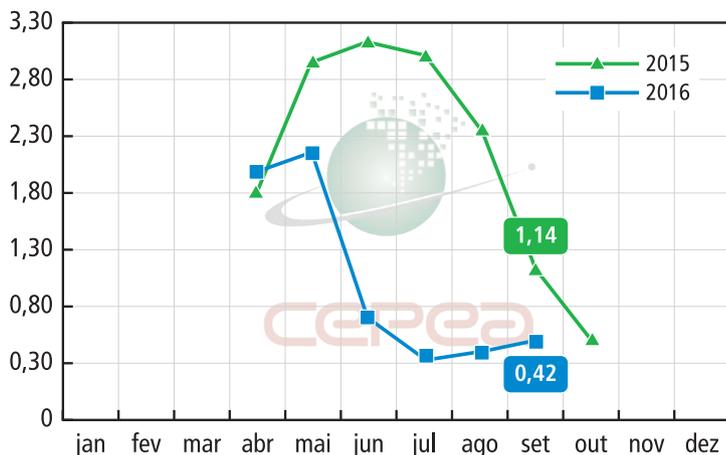
Safra mineira encerra com boa produtividade

Piedade inicia colheita das híbridas

A colheita de cebolas híbridas de Piedade (SP) começa em outubro, com atraso de cerca de duas semanas frente ao calendário típico da região. O motivo do atraso na colheita foram os preços do bulbo abaixo dos custos neste ano, que os levaram a adiar as atividades na expectativa de uma reação nas cotações. Com a proximidade do final da safra nas praças paulistas de Monte Alto e São José do Rio Pardo, os valores podem mesmo subir. Por outro lado, uma parcela significativa do que foi colhido ainda poderá ser comercializada nos próximos meses, limitando as altas. Em setembro, a produtividade média foi de 60 toneladas por hectare em Monte Alto e de 57,5 toneladas por hectare em São José do Rio Pardo. A qualidade da cebola nessas regiões foi um pouco prejudicada em setembro por conta do clima chuvoso, que levaram ao surgimento de camisa d'água nos produtos já colhidos e deixados na roça.

Irati inicia colheita, mas negócios devem ganhar ritmo em novembro

Produtores de algumas áreas de Irati (PR) devem iniciar a colheita de cebola neste mês de outubro. Apesar do esperado volume baixo na região neste primeiro mês de colheita, a oferta nacional relativamente elevada deve impedir aumentos nos preços. A comercialização da cebola paranaense deve ganhar ritmo somente em novembro, tendo em vista que é necessário fazer a "cura" da planta após a retirada da terra.



Durante o período de formação dos bulbos, algumas áreas apresentaram problemas com mofo cinzento, doença causada pela alta umidade e menor temperatura na região, o que fez com que produtores tivessem que recorrer a tratamentos fitossanitários mais intensivos, elevando os custos de produção. No Paraná, a maior parte do cultivo terminou em julho e, em agosto, apenas poucas áreas de transplântio foram finalizadas. Outras praças sulistas iniciam as atividades somente em novembro. Todas as outras localidades sulistas finalizaram o plantio no início de setembro. A expectativa para o Sul continua sendo de uma safra com oferta expressiva. Além do patamar alto de área cultivada, a expectativa é que neste ano, diferente dos dois anteriores, o nível de produtividade seja elevado, já que o desenvolvimento no campo de forma geral segue sem grandes problemas.

Colheita em Minas Gerais chega ao fim neste mês

A colheita de cebola nas praças do Cerrado Mineiro se encerra em outubro, com boa produtividade média, estimada em 80 toneladas por hectare na temporada. Em geral, não houve grandes problemas fitossanitários, com alguns poucos prejuízos sendo verificados no início da safra, em junho e julho. Já o preço médio não foi muito animador, em função do excesso de oferta no País. A caixa 3 beneficiada foi cotada a R\$ 12,94/sc de 20 kg na média da temporada, valor 213% menor que o do mesmo período do ano passado e 56% superior às estimativas de custos de produção, de R\$ 8,20/sc de 20 kg. Em Cristalina (GO) as atividades no campo devem ser adiadas, sendo finalizadas somente em novembro. Produtores "seguraram" a mercadoria na roça por mais tempo que o necessário, em busca de preços maiores. A falta de chuvas em Goiás prejudicou um pouco a qualidade, causando descamação na cebola. A produtividade goiana na temporada foi de 90 toneladas por hectare até o final de setembro, o que é considerado excelente.

Preço sobe pouco em setembro

Preços médios recebidos por produtores de Irecê pela cebola híbrida na roça - R\$/kg



Fonte: Cepeca

Cebola híbrida
ANDRÔMEDA F1

- Boa tolerância a Raiz Rosada e as principais doenças foliares
- Alta produtividade
- Sistema radicular vigoroso

TOPSEED Premium
www.agristar.com.br



Oferta deve aumentar em outubro

Sumaré e Norte do Paraná iniciam 2ª parte da safra de inverno

A oferta brasileira de tomate da segunda parte da safra de inverno deverá aumentar em outubro, com o avanço da colheita no Sul de Minas e em Paty do Alferes (RJ) e o início das atividades em Sumaré (SP) e no Norte do Paraná – essas regiões devem colher até dezembro. A expectativa é que 28% da área total destinada ao cultivo da segunda parte da safra de inverno seja colhida neste mês, volume superior ao de 2015. Na segunda quinzena de outubro do ano passado, as lavouras de Sumaré foram atingidas por chuva de granizo, que comprometeu cerca de 40% da área cultivada, reduzindo a oferta esperada para aquele período. A produtividade também deve ser satisfatória em Paty do Alferes, favorecida pelas chuvas ao longo do transplante, principalmente em julho. Já no Norte do Paraná, as precipitações ocorridas durante o desenvolvimento do fruto, em agosto, deverão acarretar em menores produtividade e qualidade dos primeiros frutos ofertados neste mês. No Sul de Minas, o principal problema foi o granizo.

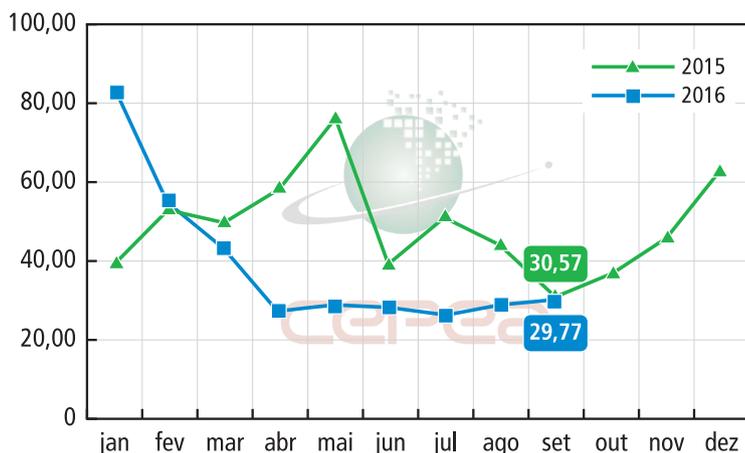
Transplante da safra de verão se intensifica

Iniciado em meados de agosto, o transplante da safra de verão 2016/17 de tomate será intensificado em outubro, devendo atingir 24% da área total estimada. A previsão é que as atividades sejam concluídas em janeiro, com possibilidade de

queda na área cultivada em algumas regiões, em relação à temporada anterior. Em Itapeva (SP), a dificuldade em obter crédito para custeio da lavoura, aliada aos preços baixos observados durante 2016, podem limitar os investimentos. Em Reserva (PR), também há previsão de redução na área devido a problemas climáticos, acarretando em perdas no transplante. Já em regiões como Caxias do Sul (RS) e Nova Friburgo (RJ), a área plantada deve ser mantida; na praça carioca, o volume de chuvas ideal até o momento vem favorecendo as boas perspectivas. Se as reduções de área forem confirmadas, a oferta da safra de verão poderá ser menor, resultando em bons preços aos produtores.

Clima prejudica colheita no Sul de Minas

A forte chuva de granizo que atingiu algumas lavouras de tomate no Sul de Minas na segunda quinzena de setembro acarretou em perdas de plantas que se encontravam em desenvolvimento para a segunda parte da safra de inverno. Assim, é esperada uma oferta ligeiramente inferior à de 2015 para a região. A colheita na região iniciou em setembro. A qualidade também está aquém da ideal para os primeiros frutos colhidos neste mês. A primeira parte da safra de inverno do Sul de Minas, igualmente, apresentou problemas associados ao clima. Fortes chuvas no início da colheita, em fevereiro, atingiram as lavouras da região, aumentando a incidência de bactérias. Em agosto, geadas causaram perdas de produtividade e qualidade nas últimas lavouras colhidas. No geral, a produtividade ficou mais um ano aquém da ideal (média de até 200 cx/mil pés). Apesar dos problemas climáticos, a rentabilidade da primeira parte da safra foi positiva, segundo produtores consultados pela equipe Hortifruti/Cepea. Para a segunda parte da safra, os resultados obtidos até o fim do ano devem nortear produtores quanto aos investimentos da próxima temporada, que, a princípio, acreditam em manutenção da área plantada.



Preço tem nova queda em setembro

Preços médios de venda do tomate salada 2A longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 22 kg

Fonte: Cepea



Thaíse

Tomate Salada Determinado F3

F1

Destaques:

Multivírus + F3, qualidade dos frutos

Resistências/Tolerâncias: Vd, F3, ToMV, TYLCV, TSWV, Ma, Mi, Mj

WINNERS
OS PRODUTOS VENCEDORES

 **FELTRIN**[®]
SEMENTES

(54) 2109.4444
www.sementesfeltrin.com.br



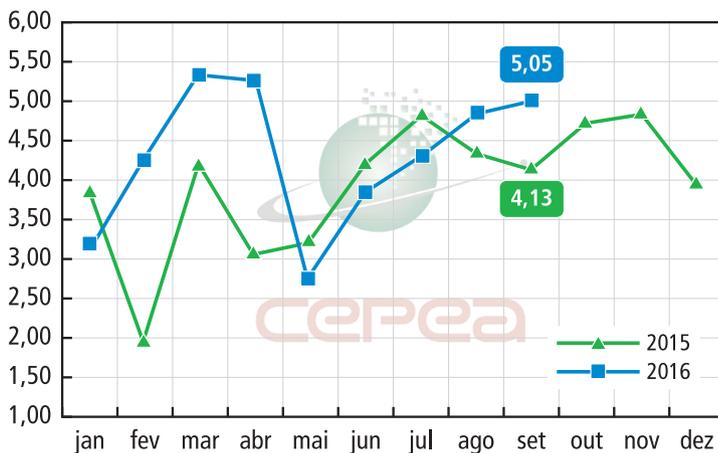
foto: Alexandre Marques

Importações podem interferir no mercado brasileiro no 2º sem

Preços recuam no Vale em setembro

Os preços da uva red globe comercializada no Vale do São Francisco (PE/BA) caíram em setembro, refletindo principalmente a demanda doméstica enfraquecida. Nem mesmo o início das exportações, que, segundo produtores consultados pelo Cepea, reduziram de 20% a 30% a disponibilidade interna no mês, impediram recuos nas cotações. Na média de setembro, a red globe foi cotada a R\$ 5,09/kg na região do Vale, valor 18,5% abaixo do mínimo estimado por produtores locais para cobrir os custos de produção por kg. Apesar do menor volume da benitaka e da brasil, a procura pela red globe não aumentou. Além disso, alguns lotes da variedade apresentaram qualidade inferior devido ao maior tempo de armazenamento nas câmaras frias, prejudicando as vendas no mês. O Peru também iniciou o envio de alguns lotes de red globe a preços baixos neste segundo semestre. Segundo colaboradores da equipe Hortifruti/Cepea, a variedade chegou ao Brasil a valor semelhante ao da red globe brasileira no contentor no Vale do São Francisco. Mesmo sendo um país relativamente novo na produção de uvas, o Peru envia a fruta ao Brasil desde novembro de 2009, com as vendas se concentrando de setembro de um ano até abril do seguinte. De janeiro a abril deste ano, a uva peruana que chegou ao País teve preço (FOB) médio de US\$ 1,47/kg, de acordo com dados da Secex.

Clima desfavorável continua ameaçando safra em Jales



As chuvas frequentes na região de Jales (SP) em setembro continuaram prejudicando a qualidade das uvas que ainda estavam nos parreirais. As frutas colhidas no início de setembro apresentaram rachadura nas bagas, e produtores consultados pela equipe Hortifruti/Cepea relataram perdas de 4% no volume. A oferta restrita, por sua vez, elevou as cotações. A variedade itália foi comercializada na média de R\$ 4,63/kg em setembro, aumento de 42,4% frente ao mesmo período do ano passado. Viticultores de Jales acreditam que, mesmo com essas dificuldades, haja uva disponível no mercado até o final de outubro. Neste ano, o calendário de colheita foi alterado, visto que alguns produtores tiveram que refazer as podas. Para agravar, o frio intenso não ajudou no período de brotação dessas novas podas, fazendo com que variedades como a itália e a niagara ficassem com cachos menos fartos.

Safra da Espanha deve terminar mais cedo

Inicialmente prevista para terminar em novembro, a safra de uva de mesa da Espanha deve encerrar mais cedo, na primeira semana de outubro, de acordo com notícia veiculada no *Fresh Plaza*. A ausência de uvas espanholas no mercado deverá favorecer as vendas gregas. Se a Grécia e a Itália entrarem com muita fruta antes de a safra da Espanha terminar, porém, os preços espanhóis podem diminuir, já que as uvas gregas e italianas geralmente têm menores valores no mercado europeu. Assim, produtores espanhóis estão preocupados com a rentabilidade da safra. A Grécia ainda deve interferir no mercado brasileiro de uvas, visto que pode prolongar o fornecimento de uva para a Europa em alguns meses. Como resultado, a janela brasileira seria reduzida e a concorrência no mercado europeu, ampliada. Com isso, a dependência do calendário grego está maior para estabelecer os envios nacionais. O que também serve de alerta a produtores brasileiros é que o volume produzido no Vale do São Francisco (PE/BA) pode não ser tão expressivo frente aos concorrentes do exterior.



Preço em setembro segue superior ao de 2015

Preços médios da uva niagara recebidos por produtores de Jales - R\$/kg

Fonte: Cepea





Outubro deve concentrar plantio e tratos culturais no RN/CE

RN/CE está em “pico de plantio”

As atividades de transplântio das mudas de melão no principal polo produtor da fruta, que abrange as regiões da Chapada do Apodi (RN) e do Baixo Jaguaribe (CE), se concentram entre os meses de setembro e outubro. De acordo com dados levantados pelo Hortifruti/Cepea, o plantio nesses meses corresponde a mais de 30% do total plantado na safra. Como o melão é uma cultura de ciclo rápido (60 dias), as frutas desse transplântio devem atender aos pedidos para dezembro, quando a demanda aumenta consideravelmente devido às festas de fim de ano. Porém, vale ressaltar que, além de outubro ser pico de plantio, é também um dos meses mais quentes do ano na região, o que favorece a proliferação de pragas, principalmente da mosca minadora. Assim, é em outubro que se intensificam os tratos culturais, tanto químicos quanto biológicos. Apesar da escassez de água na região, a área de plantio não deve ter grande redução, pelo menos até dezembro, segundo produtores do RN/CE. Nesse cenário, produtores têm que lidar, também, com a correção da alta salinidade do solo – a concentração de sais na água é cada vez maior em virtude do baixo nível dos poços. Além do tratamento corretivo, alguns colaboradores do Cepea sinalizaram a perfuração de poços mais profundos, a fim de atingir água de melhor qualidade no lençol freático. Por outro lado, produtores com melhor condição financeira estão cultivando a fruta em propriedades com maior disponibilidade de água para a irrigação, com o objetivo de sanar esse

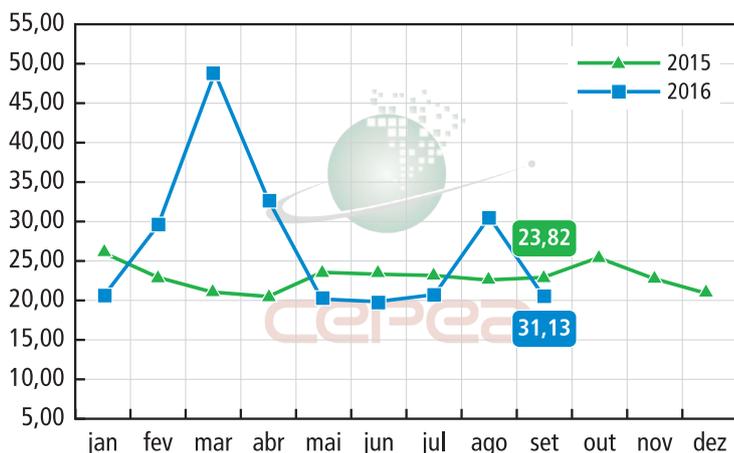
problema. Esse cenário tem se concretizado para que os contratos de exportação sejam atendidos sem maiores problemas.

Miúdo se valoriza com baixa oferta

Em outubro, a disponibilidade de melões miúdos pode seguir reduzida, como já ocorreu em setembro. Essa característica da fruta impacta de forma direta nas vendas, pois os melões menores são preferidos pelos consumidores. De acordo com atacadistas, a proporção de melões miúdos que chega à Ceagesp é muito restrita, o que limita as vendas. Embora o RN/CE esteja em plena safra, boa parte das frutas colhidas é destinada à exportação, e não aos ceasas.

Exportações seguem em alta

Na parcial da safra (agosto e setembro), melonicultores do Rio Grande do Norte/Ceará informaram que as exportações seguem no ritmo previsto para a temporada – o volume enviado somou 46,7 mil toneladas, 23% a mais que no mesmo período da temporada anterior (Secex). Apesar da valorização do Real frente ao dólar e dos sinais de recuperação da economia brasileira, a comercialização de melão no mercado externo tem se mostrado atrativa e rentável aos produtores – a receita entre agosto e setembro foi de US\$ 34 milhões, alta de 18% frente aos mesmos meses de 2015 (Secex). Além disso, exportadores seguem em busca de novas parcerias. Devido ao crescimento das exportações de melão, há um menor volume da fruta no mercado interno, sinalizando tendência de aumento dos preços nos próximos meses. No Vale do São Francisco (BA/PE), por sua vez, a oferta atende à demanda regional, uma vez que esse tipo de negociação isenta o produtor de gastos com embalagem e transporte. Apesar do controlado volume de melões na roça, produtores têm dificuldade em ajustar as cotações frente à concorrência do Rio Grande do Norte/Ceará, que tem negociações mais vantajosas às ceasas do Sudeste. As expectativas são otimistas para a temporada, inclusive em relação à boa qualidade, visto a baixa incidência de pragas e doenças.



Preços caem quase 30% em setembro

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 na Ceagesp - R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cepea





foto: CitrusBR

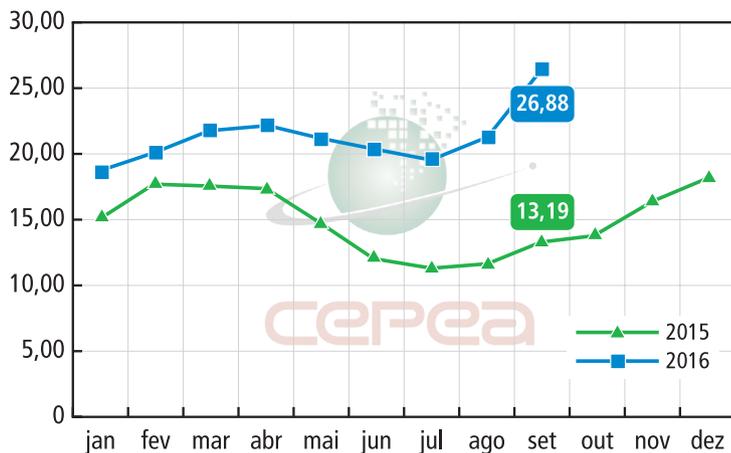
Média parcial da pera já supera todos os preços de 2015

Pera supera R\$ 30,00/cx no mercado de mesa

Mesmo no “pico” da temporada 2016/17, a laranja pera de mesa chegou a ser negociada acima de R\$ 30,00/cx, na árvore. A expectativa é de que os valores avancem ainda mais até o fim desta safra. Como boa parte dos produtores aposta em escassez de laranja, as frutas de melhor qualidade têm rendido remunerações acima da média na roça. O impulso aos valores vem da oferta limitada no estado de São Paulo, da demanda aquecida no mercado de mesa, da forte absorção de laranja pelas indústrias paulistas e dos volumes já comprometidos em contratos de curto e médio prazos. Os preços oferecidos pelas processadoras, inclusive, estão em patamares considerados atrativos – entre R\$ 18 e R\$ 22/cx nas indústrias maiores e até R\$ 25,00/cx nas menores (em ambos os casos, o valor já inclui colheita e frete até a unidade de moagem). Colaboradores consultados pelo Cepea indicaram que as cotações devem seguir bastante influenciadas pelas processadoras. Isso porque, caso essas indústrias acirrem a concorrência com o mercado de mesa, os preços podem subir ainda mais.

Aumento na estimativa do Fundecitrus não ameniza baixa oferta

O aumento de 1,3% na estimativa de setembro do Fundecitrus frente ao dado de maio para a produção de laranja no cinturão citrícola (São Paulo e Triângulo Mineiro), ainda não é suficiente para amenizar o



cenário de baixa oferta da fruta em 2016/17. Segundo o Fundo, o cinturão deve colher 249,04 milhões de caixas de 40,8 kg, ainda 17,2% inferior à temporada passada. O motivo para o ligeiro reajuste, segundo o Fundecitrus, foi a frequência de chuvas deste ano, que permitiu que as laranjas aumentassem de calibre, necessitando de menos frutas para compor uma caixa de 40,8 kg. Este cenário, por sua vez, reafirma a estimativa das indústrias de baixo rendimento industrial para a temporada, já que as precipitações costumam reduzir o teor de sólidos solúveis das frutas.

Preços elevados limitam mercado de lima ácida tahiti

Os preços da lima ácida tahiti podem continuar elevados durante o mês de outubro, que ainda deve ser de baixa oferta no estado de São Paulo. No geral, produtores ainda têm dúvidas se os valores irão ultrapassar os patamares de outubro/15, quando a fruta foi negociada acima de R\$ 100,00/cx de 27 kg, um recorde. Neste ano, os valores iniciaram o movimento de alta bem antes do que em 2015 e, até meados de novembro – período ainda de entressafra da variedade –, podem seguir firmes. A média da fruta, no período, foi de R\$ 59,20, avanço de 1,32% em relação ao mês anterior e 31,6% superior a de setembro de 2015, em termos nominais. Em relação às exportações, o volume de limões e limas exportado na parcial de 2016 (janeiro a setembro) voltou a atingir patamar recorde para o período, atingindo 80,7 mil toneladas, segundo a Secex.

Número de árvores reduz quase 3% na FL

Na Flórida, o aumento da incidência de greening tem reduzido a área com laranja. Segundo o USDA, o estado detém 172,4 mil hectares com laranja, sendo 156,7 mil hectares em produção. Já o número de plantas produtivas soma 57,9 milhões de pés, queda de 2,7% em relação ao ano passado. Contudo, o plantio no estado cresceu pelo terceiro ano seguido (em 2016, houve crescimento de 10,8% no número de plantas frente ao ano passado).

Preço da pera é alto em pleno pico de safra

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela laranja pera - R\$/cx de 40,8 kg, na árvore

Fonte: Cepea





foto: Cezar Libório

Aos poucos, MG dá lugar à safra paulista

Ventos fortes e granizo atingem pomares paulistas

Conforme o calendário, o segundo semestre do ano é período de entrada de São Paulo no mercado de manga. A data de início de colheita, que geralmente ocorre no mês de outubro, está atrasada, e maiores volumes devem ser ofertados somente a partir do início de 2017. As geadas e o frio intenso que ocorreram em julho afetaram as florações, e como consequência houve a retirada de flores e frutos danificados pelo clima adverso. Novas induções florais realizadas pelos produtores permitiram que as mangueiras voltassem a florescer. Contudo, na segunda quinzena de setembro, uma tempestade com ventos fortes e granizo atingiu a região de Monte Alto/Taquaritinga (SP). Mesmo não havendo contabilização das perdas recentes, estimam-se novos prejuízos para a safra 2016/17. Nesse cenário, maiores volumes da fruta só devem ser ofertados a partir do início de 2017. Nos frutos que permaneceram nos pés, os principais danos são lesões e manchas. Tais injúrias são entraves no momento da comercialização, uma vez que lesões prejudicam a aceitação dos consumidores, além de servirem como porta de entrada para microrganismos no campo. Assim, as frutas que não atingirem os parâmetros de qualidade para comercialização no mercado in natura devem ser enviadas à indústria de processamento, diminuindo a remuneração total aos produtores. A partir de outubro, a colheita da safra paulista deve ser iniciada nos pomares em que não houve necessidade de retirada de flores e

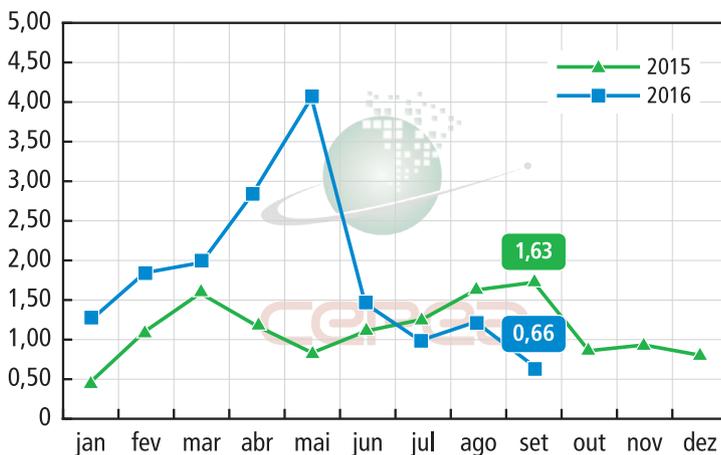
frutos em julho. Os maiores volumes colhidos, contudo, devem ser atingidos apenas entre os meses de janeiro e fevereiro do próximo ano – estas frutas, referentes às induções florais realizadas por produtores após a retirada das panículas não viáveis.

Safra mineira se aproxima do fim

Com finalização prevista para novembro, o volume de colheita da safra mineira já começa a diminuir. Muitos produtores se mostram satisfeitos com os atuais preços da fruta, uma vez que o mercado já regula os valores com a oferta reduzida de manga na região. Em Jaíba/Janaúba (MG), a desaceleração da colheita já resultou em aumento significativo das cotações em setembro, que, segundo colaboradores, também são sustentadas pela alta qualidade da manga produzida na região. Naquele mês, a média de comercialização da palmer foi de R\$ 1,50/kg, 15% maior que a do mês anterior.

Vale intensifica exportações ao mercado europeu

Os embarques de manga tomy aos Estados Unidos, iniciados no mês de agosto, terminaram no final de setembro, dando lugar às exportações à União Europeia, que devem se intensificar neste mês. Para que as exportações brasileiras deste ano se mantenham em patamares elevados, é fundamental que, nesta reta final, os envios à Europa recuperem o menor volume exportado até o momento. As comercializações com o mercado norte-americano em agosto e setembro de 2016 tiveram, de acordo com a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), remuneração de US\$ 22,3 milhões, aumento de 28% frente ao mesmo período do ano passado. Em volume, os negócios totalizaram 20,5 mil toneladas, alta de 21% na mesma comparação. Já para o bloco europeu, os embarques renderam US\$ 5,8 bilhões entre outubro e setembro, segundo a Secex, total 12% maior que nos mesmos meses do ano passado. Em volume, essas exportações totalizaram 14,5 mil toneladas, alta de 12% no mesmo período. Os embarques à União Europeia devem ser finalizados em dezembro/16.



Preço cai pela metade em setembro

Preços médios recebidos por produtores de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) pela *tommy atkins* - R\$/kg

Fonte: Cepeca





foto: Fresh Plaza

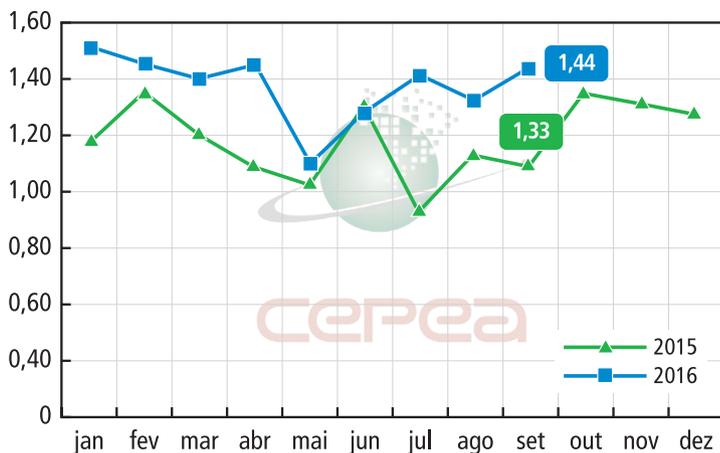
Exportação de melancia volta a ganhar ritmo

Apesar de atraso nos contratos, exportação tem início com bom volume

Melancicultores do Rio Grande do Norte/Ceará iniciaram oficialmente a temporada 2016/17 de exportação da fruta em setembro. Apesar do atraso no fechamento dos contratos, em função da saída do Reino Unido da União Europeia, principal comprador da melancia brasileira, a expectativa é que os embarques sigam em bom ritmo. Além disso, com a alta do dólar frente ao Real nos últimos anos, produtores estão enviando cada vez mais frutas ao exterior, sobretudo à Europa. Especificamente em setembro, foram exportadas pelo Brasil 15,54 mil toneladas de melancia, volume 13,2% superior ao de setembro de 2015, segundo dados da Secex. Produtores do RN/CE estão tentando manter a área de plantio e a produtividade médias das lavouras, mesmo com a crise hídrica perdurando na região. Para isso, grandes grupos tiveram que migrar a produção para outros municípios com maior disponibilidade de água.

Oferta em GO segue alta

A colheita de melancia em Uruana (GO) deve seguir a todo vapor em outubro, conforme previsto inicialmente, finalizando em novembro, quando inicia o período chuvoso na região. Tanto a produtividade das lavouras como a qualidade das frutas estão satisfatórias. Em setembro, Uruana foi a principal região responsável pelo abastecimento do mercado nacional de melancia. Naquele período,



a safra de Lagoa da Confusão (TO) e de Formoso do Araguaia (TO) estava na reta final, enquanto Oscar Bressane (SP) iniciava a colheita, com a qualidade das frutas abaixo do ideal. Assim, compradores optaram pela melancia goiana, principalmente durante a segunda quinzena do mês. Com a alta demanda, os preços da melancia graúda (>12 kg) na região subiram 50,5% em relação a setembro de 2015, com a média passando para R\$ 0,7/kg, valor 41,43% acima do estimado por produtores para cobrir os custos com a cultura (R\$ 0,41/kg).

Safra paulista inicia com problemas

A oferta paulista de melancia também deve aumentar em outubro, refletindo o avanço da colheita em Oscar Bressane e o início das atividades em Itápolis. Quanto à qualidade, produtores acreditam que o aumento das temperaturas deve favorecer os atributos da fruta. A maior oferta nas regiões paulistas deve acirrar a competição com as praças de Uruana (GO) e Teixeira de Freitas (BA), reforçando a pressão sobre as cotações. A previsão inicial era que as primeiras melancias colhidas em Oscar Bressane chegassem ao mercado a partir da terceira semana de setembro, o que não ocorreu, tendo em vista que a colheita começou somente depois do dia 20. O atraso ocorreu devido às baixas temperaturas observadas no início de setembro, que prolongaram o ciclo de desenvolvimento das melancias, segundo colaboradores da equipe Hortifruti/Cepea. Além disso, as primeiras frutas também estavam com casca mais grossa e oca, limitando o interesse de compra.

Colheita inicia em Teixeira de Freitas

Em Teixeira de Freitas (BA), a safra 2016/17 de melancia deve iniciar em outubro, com a colheita atingindo, até novembro, 1.500 hectares ou 37,5% do total cultivado na temporada. As primeiras frutas devem abastecer o mercado local e, conforme as atividades forem avançando, o volume deve ser ofertado ao atacado paulistano. Por enquanto, o clima segue favorável à qualidade da fruta.



Preços se recuperam no atacado

Preços médios de venda da melancia graúda (>12 kg) na Ceagesp - R\$/kg

Fonte: Cepea





foto: Diego Zaban - Agrobán

Polinização das macieiras ocorre em outubro

Boa parte dos pomares de maçã já deve estar em processo de polinização. Até o fechamento desta edição (início de outubro), o clima se mostrava favorável tanto à polinização das flores de gala e fuji quanto ao pegamento, sem chuvas volumosas. A próxima etapa deve ser o raleio, tanto químico quanto manual. Vale ressaltar que este processo é muito importante para que as frutas da próxima safra tenham bom calibre.

Mesmo com baixa oferta, gala se desvaloriza

Em setembro, a maçã gala graúda da categoria 1 se desvalorizou apenas 1% em relação a agosto na média das três regiões produtoras do Sul acompanhadas pelo Cepea – Vacaria (RS), Fraiburgo e São Joaquim (SC) – ficando à média de R\$ 81,49/cx de 18 kg. Apesar da oferta mais restrita da variedade, a demanda esteve lenta, já que o preço está em elevado patamar – na média, a gala graúda Cat 1 foi comercializada a valores 51% maiores que em setembro/15. Até meados de dezembro, a oferta de gala e de fuji deve seguir muito restrita, de modo que não deve prejudicar a comercialização da variedade eva. Conhecida também como maçã precoce, a eva é cultivada em pequenas áreas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, com pomares concentrados no Paraná. A variedade deve começar a ser

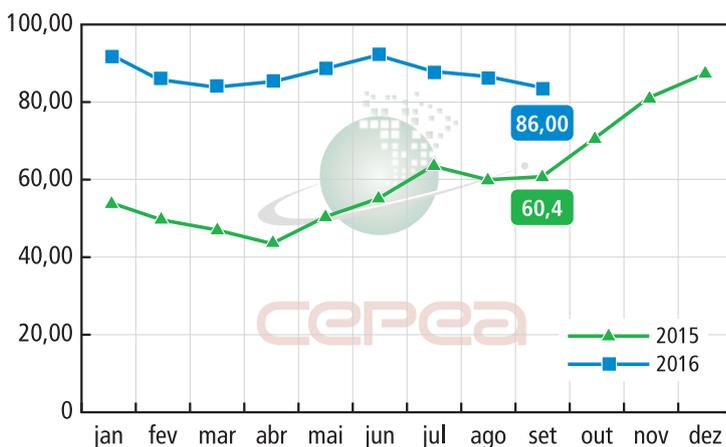
disponibilizada no mercado doméstico a partir de novembro, preenchendo uma janela de pouca oferta.

Liberação de exportações para Índia anima setor

O ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Blairo Maggi, anunciou em setembro a liberação da exportação de maçã, entre outros produtos, para a Índia - de acordo com colaboradores do Hortifruti/Cepea, o ministro tem se mostrado muito solícito ao setor da maleicultura. O fechamento de um acordo comercial deve facilitar a entrada da fruta brasileira naquele país, aumentando os embarques. O setor vinha tentando uma consolidação de um acordo comercial há anos, embora algumas empresas já enviassem cargas pontuais à Índia. Em 2012, foi apresentada uma análise de risco de praga, facilitando os trâmites da negociação internacional. Em 2003, foram enviadas pouco mais de mil caixas de maçã brasileira para a Índia, em 2008, outras 4.600 caixas, em 2013, mais 0,5 tonelada e, em 2015 e 2016 (parcial), respectivos 0,6 e 0,4 tonelada, segundo dados da Secex.

China torna-se novo membro da Wapa

A China é o mais novo membro da Associação Mundial de Pera e Maçã (Wapa, na sigla em inglês), conforme acordo formalizado em setembro, durante a Conferência Internacional de Frutas em Hong Kong. A inclusão da China deve elevar significativamente a representatividade dos dados de produção e comercialização mundiais de maçãs e peras, dado o grande potencial do país asiático no setor da maleicultura. Nos últimos 15 anos, a Wapa tem sido uma ferramenta importante para o monitoramento e a análise de mercado, a fim de melhorar a informação global sobre maçãs e peras. Hoje, é uma plataforma reconhecida e utilizada principalmente pelos seus membros, que movimentam milhões de toneladas por temporada.



Mercado pouco aquecido pressiona preço

Preço médio de venda da maçã gala Cat 1 (calibres 80 -110) na Ceagesp - R\$/cx de 18 kg

Fonte: Cepea





foto: Altenes Galavotti Carraretto - Linhares (ES)

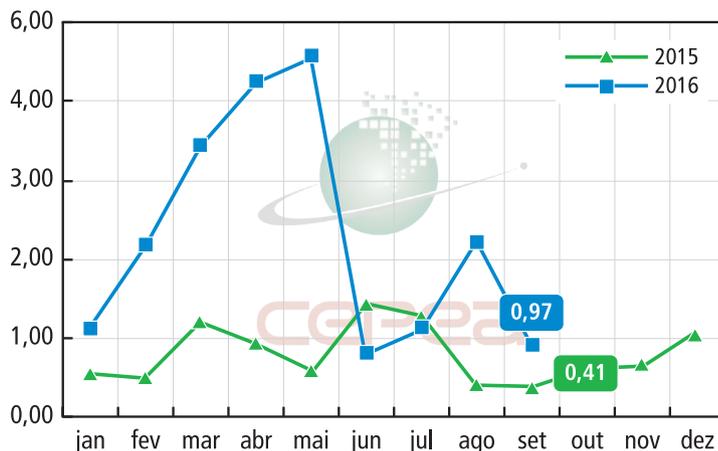
Preço do formosa recua em setembro

Maior oferta pode manter preço baixo para o havaí

O preço do mamão havaí pode ficar em baixos patamares em outubro, devido ao aumento da oferta. A variedade vem se desvalorizando desde a segunda quinzena de setembro. Além disso, a demanda pela fruta estava limitada – resultado da instabilidade econômica presente no País. No Espírito Santo, uma das maiores regiões produtoras de havaí, a cotação média foi de R\$ 0,97/kg em setembro, baixa de 55% em relação ao mês anterior. Mesmo no Rio Grande do Norte, onde os valores costumam ser mais estáveis, houve recuo de 17% em igual comparativo, com a média passando para R\$ 1,60/kg. Apesar das quedas de um mês para o outro, os preços recebidos por produtores capixabas ainda superaram em 140% os de setembro de 2015, devido à redução na produtividade da cultura neste ano, por conta do clima seco. Em Linhares (ES), por exemplo, choveu apenas 15,1 mm em setembro, ante uma média de 65,6 mm para o período, segundo a Somar Meteorologia.

Tendência é de preços firmes para o formosa

Ao contrário do mamão havaí, cujos preços devem seguir em baixos patamares, a oferta limitada de formosa deve manter firmes as cotações da variedade em outubro na maioria das regiões produtoras acompanhadas pelo Hortifruti/Cepeca.



Após a queda dos preços do formosa no final de agosto e início de setembro, o preço voltou a aumentar gradativamente, resultado da preocupação dos produtores em manter um melhor preço por mais tempo – no primeiro semestre deste ano, o aumento significativo e rápido das cotações de mamão afetou o consumo da fruta, resultando em uma súbita queda no mês de junho, prejudicando a rentabilidade unitária dos produtores. Ainda assim, os valores de setembro ficaram abaixo da média de agosto. No Oeste da Bahia, o formosa foi comercializado na média de R\$ 0,96/kg, queda de 54% em relação a agosto. No Norte de Minas Gerais, o valor médio da variedade, de R\$ 1,00/kg, superou em 85% o mínimo estimado para cobrir os custos do mês.

Mamão brasileiro concorre com frutas europeias

Apesar do fim do verão na Europa, a oferta de frutas produzidas em países europeus (frutas de clima temperado) aumentou em setembro, restringindo a demanda pelo mamão brasileiro naquele mês. Para outubro, é esperada uma retomada no ritmo dos embarques nacionais, favorecida pela redução do volume de frutas de época na Europa. Do total de mamão exportado pelo Brasil, a União Europeia absorve cerca de 84%, segundo a Secex. Além da maior concorrência com as frutas europeias, a produtividade do mamão brasileiro está baixa, principalmente no Espírito Santo, região que mais tem sofrido com a seca, diminuindo o volume disponível para comercialização tanto no mercado interno como externo. No acumulado do ano (janeiro a setembro), o Brasil exportou 27,8 mil toneladas da fruta, queda de 4% em relação ao mesmo período de 2015, segundo dados da Secex. Para Europa, o volume enviado foi de 24,1 mil toneladas, com destaque para o Espírito Santo, responsável por 29% desses embarques, seguido pelo Rio Grande do Norte, com 26%, e Bahia, com 11%. A receita total obtida de janeiro a setembro foi de US\$ 32,3 milhões, baixa de apenas um por cento no comparativo anual.



Preço do havaí volta a cair no ES

Preços médios recebidos por produtores do Espírito Santo pelo mamão havaí, em R\$/kg

Fonte: Cepeca





foto: Marcos Ferreira - Porto Nacional (TO)

Oferta de prata litoral reduz no Vale do Ribeira

Qualidade limita negociações em SP

A produção de banana prata no Vale do Ribeira (SP) amentou no início de setembro e a expectativa para outubro era de que a oferta continuasse elevada. No entanto, a disponibilidade recuou já no começo de outubro e pode seguir baixa no mês devido ao clima instável. O frio e as geadas do inverno danificaram especialmente às lavouras paulistas de prata - muitas ainda sentem as consequências, com redução na qualidade da fruta. Nos municípios do Vale do Ribeira, a qualidade está variando bastante, de acordo com a intensidade que o frio atingiu a região. A perspectiva é de que, em outubro, o padrão melhore em algumas áreas. Quanto aos preços da variedade, a média de setembro foi de R\$ 1,24/kg, queda de 21% frente a agosto. Em outubro, produtores esperam que as cotações se mantenham no mesmo patamar, mesmo com dificuldade nas negociações por conta da qualidade.

Volume de nanica cai ainda mais em todas as regiões produtoras

Produtores do Vale do Ribeira (SP) e do Norte de Santa Catarina não estão conseguindo atender a demanda por nanica. Em setembro, a oferta, que já vinha reduzida, caiu ainda mais. Especialmente para os produtores catarinenses, o clima não está ajudando o desenvolvimento da fruta. Os preços, que estavam batendo recordes, praticamente se mantiveram, devido à qualidade, que está sendo

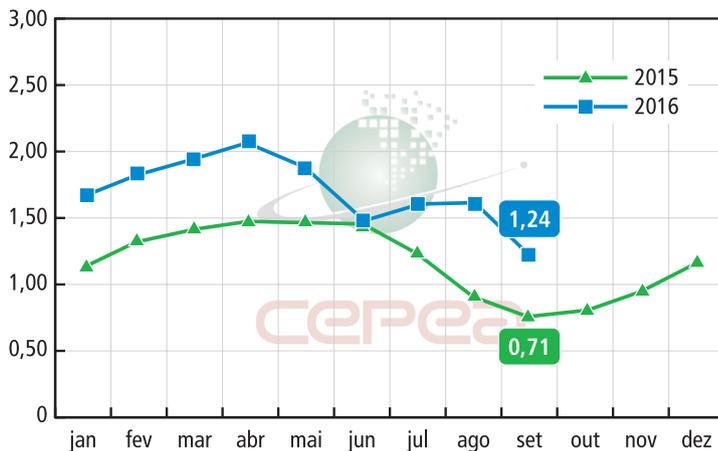
um fator problemático para negociação à valores mais altos. Outro motivo é a concorrência com as praças de Minas Gerais e Bahia, que vem apresentando uma banana com mais calibre e coloração mais clara. Assim, a alta nos preços da nanica entre agosto e setembro no Vale do Ribeira foi de apenas 12% e no Norte de SC foi de 30%. No Norte de MG e em Bom Jesus da Lapa (BA), apesar da procura intensa por nanica e da alta nos preços, a oferta também está se reduzindo.

Queda na oferta de prata anã pode impulsionar preços em outubro

Em outubro, a disponibilidade de prata anã deve cair no Norte de Minas Gerais. Desta forma, os preços podem ficar em patamares elevados novamente, até por conta da alta procura da variedade frente a falta de nanica em todo o País. A média das cotações de prata no norte mineiro ficou em R\$ 1,36/kg em setembro, 110% acima frente ao mesmo período do ano passado. Outras regiões produtoras, como Delfinópolis (MG), Bom Jesus da Lapa (BA) e Vale do São Francisco (BA/PE) também devem aproveitar o mercado favorável para elevar as cotações.

Banana de SC ganha selo de Indicação Geográfica

O Norte de Santa Catarina deu um passo importante para o avanço da bananicultura na região. Na última semana de agosto, um grupo de produtores catarinenses entregou o documento de requisição da Indicação Geográfica (IG) da banana ao Inpi (Instituto Nacional de Propriedade Industrial), a fim de reconhecê-la como a mais doce do País. O slogan escolhido foi "Banana de Corupá: doce por natureza" e engloba não só o município de Corupá, mas Schroeder, Jaraguá do Sul e São Bento do Sul, também pertencentes ao Norte de SC. O selo de IG permite que a fruta seja reconhecida no mercado por seu sabor diferenciado e se destaque diante das outras regiões produtoras. Para comemorar esta conquista, houve a apresentação da IG no dia 22 de setembro, data que se comemora o Dia Mundial da Banana.



Preço da prata recua, mas continua acima de 2015

Preços médios recebidos por produtores do Vale do Ribeira pela prata litoral - R\$/kg

Fonte: Cepeca





ENTREVISTA: Marcos Miyazaki

“MESMO COM BONS PREÇOS, NEM TODOS OS PRODUTORES SE CAPITALIZARAM NA ÚLTIMA TEMPORADA DE VERÃO”

Marcos Miyazaki é engenheiro agrônomo formado na Unesp de Botucatu (SP). É produtor de batata da região de São Gotardo (MG) e é da terceira geração de bataticultores da família.

Hortifruti Brasil: No estudo de custos de produção para São Gotardo (MG), consideramos uma área típica de batata com 80 hectares, colheita 100% mecanizada (sistema de bags), produção irrigada e produção de semente e beneficiamento terceirizados. Esse sistema representa bem a região?

Marcos Miyazaki: É o padrão mais representativo, apesar de o sistema de produção na região ser muito heterogêneo. Dentro da minha produção, tenho uma parcela da colheita 100% mecanizada, mas também outras que são com colheita semimecanizada. A razão é que, por questões técnicas (relevante, entre outros fatores), nem sempre é possível realizar 100% da colheita de forma mecanizada. No meu caso, eu tenho produção própria de sementes.

HF Brasil: Nessa fazenda típica, apuramos que o custo de produção foi de R\$ 69,70/sc na safra de verão 2015/16, para uma produtividade de 600 sacas/ha. Você concorda com esse resultado?

Miyazaki: Eu acredito que, na média, os custos foram esses. No entanto, muitos produtores tiveram uma produtividade menor do que essa, e aí o resultado não foi bom. Há casos também que produtores obtiveram essa produtividade e a lucratividade não foi boa porque teve muita perda no beneficiamento por conta da qualidade prejudicada por doenças. Há também casos que a produtividade nesse patamar, mas o produtor teve um percentual baixo da classificação especial, que é a que tem maior valor de mercado.

HF Brasil: Qual o motivo da região mineira focar a produção durante o período das águas e não no inverno?

Miyazaki: Os preços são sempre maiores no período de verão. Além disso, muitas vezes, a disponibilidade de área favorece o plantio nas águas.

HF Brasil: Você acredita que o emprego de alta tecnologia e manejo na região tenham feito a diferença em termos de rentabilidade?

Miyazaki: Os fatos de os produtores da nossa região adotarem bons níveis tecnológicos e de manejo e de estarem sempre buscando essa melhora os diferenciam. No entanto, resalto que, mesmo adotando todas as boas práticas de produção,

há produtores que nessa safra obtiveram resultados bastante inferiores ao modelo típico apresentado no painel.

HF Brasil: O produtor está conseguindo se sustentar na atividade? Como foi a rentabilidade em temporadas anteriores?

Miyazaki: Há alguns anos a região vem passando por adversidades climáticas, o que muitas vezes tem prejudicado a produção e, por consequência, a rentabilidade. Em geral, o produtor não vem conseguindo uma boa capitalização com a produção de batata, mas tem saldado suas dívidas. Acredito que haja casos, sim, de produtores endividados, mas não é um grande número.

HF Brasil: Quais são as condições da região que favorecem e prejudicam a produção de batata em São Gotardo?

Miyazaki: A região tem uma boa altitude para o plantio de batata e bons tipos de solo, com teor de argila adequado à bataticultura. A topografia plana permite a mecanização. No entanto, nos últimos anos, o clima tem sido adverso, o que muitas vezes tem prejudicado a produção.

HF Brasil: De que forma o produtor da região pode se tornar mais competitivo?

Miyazaki: Acredito que os produtores aqui já vêm buscando essas formas, que é correr atrás de tecnologia e manejo de ponta. Mesmo com relação à gestão, a maioria dos produtores aqui tem controle de custos de produção. Clima e disponibilidade de terra adequada ao cultivo de batata têm sido fatores limitantes a produção. Um dos problemas da região é que a bataticultura compete com o a cultura do alho para o arrendamento de terras. O alho, por sua vez, permite um pagamento maior para o arrendamento, o que prejudica o produtor na hora de selecionar boas áreas para arrendamento e plantio de batata.

HF Brasil: Há mais algum ponto que queira abordar?

Miyazaki: É importante ressaltar o amplo portfólio de culturas que o produtor de batata de São Gotardo (MG) apresenta. O fato de ter esse portfólio diversificado também acaba diluindo os riscos. Assim, se num ano uma determinada cultura registra preço baixo ou problemas de produção, acaba muitas vezes sendo compensada por outra cultura que teve resultado melhor.



ENTREVISTA: Mauro Osaki

Mauro Osaki (à direita)

O professor Mauro Osaki é engenheiro agrônomo, com doutorado em Engenharia da Produção pela Usfcar (Universidade Federal de São Carlos). Osaki é especialista na área de custos de produção de grãos.

“OS CUSTOS NÃO DEVEM SUBIR COMO NOS ÚLTIMOS ANOS”

Hortifruti Brasil: Nos últimos dois anos, o custo de produção apresentou alta acumulada entre 30% (safra das águas no Sul de MG) e 40% (média escala de produção em Varagem Grande do Sul) por hectare. No caso das grandes culturas, como soja e milho, o cenário foi parecido?

Mauro Osaki: Sim, a alta foi bastante significativa para as grandes culturas, mas ainda menos acentuada do que para a batata. O custo total de produção para grãos teve aumento acumulado entre 20% e 30% nos últimos dois anos.

HF Brasil: No caso de batata, o aumento dos custos deve-se à alta dos preços de insumos atrelados ao dólar (fertilizantes e defensivos) e às adversidades climáticas. O que fez impulsionar os custos na área de grãos?

Osaki: No caso dos grãos, o maior impacto do aumento dos custos de produção se deve ao encarecimento da semente, em função de ganho tecnológico, com sementes de soja resistente a insetos e tolerantes a herbicidas. Além disso, os defensivos agrícolas, com formulações específicas para o controle de ferrugem, lagarta *helicoverpa* e mosca branca, também tiveram valorizações acentuadas. O motivo da elevação é a maior demanda repentina destes produtos nesse ano, por causa de condições climáticas adversas.

HF Brasil: Qual foi o impacto da alta dos combustíveis nos custos em 2015 e qual será em 2016?

Osaki: Após o acentuado aumento em 2015, por causa dos problemas na Petrobrás, o preço do diesel está praticamente estável. O encarecimento está no número de vezes que o operador entra para realizar o controle de pragas e/ou doenças.

HF Brasil: Quanto à mecanização, qual foi o impacto da valorização do dólar para a aquisição de máquinas e implementos em 2015 e 2016?

Osaki: A valorização do dólar inviabilizou a importação de máquinas, mas grande parte dos produtores renovou sua frota antes dessa alta. A dificuldade está agora para saldar os financiamentos com a perda da rentabilidade da soja. Com relação aos juros para investimento em maquinários, estão

bem mais caros que há dois ou três anos. Naquela época, se conseguia taxas de 4% para renovação da frota e, agora, essa taxa quase dobrou, para no mínimo 7,5%.

HF Brasil: No caso da batata, a crise ainda não impactou tanto na disponibilidade de crédito porque a cultura vem de dois anos com bons patamares de preços. Por outro lado, o custo do crédito subiu, tanto nas revendas quanto nos bancos. Como foi esse comportamento para as grandes culturas?

Osaki: Essa questão do crédito está bem heterogênea. A região Sul, por exemplo, não tem registrado problema de disponibilidade de crédito, visto que não teve seca e, por isso, conseguiu boa produção, o que permitiu aos produtores saldar suas dívidas e se capitalizar. Por outro lado, no cerrado do Mapitoba (Maranhão, Piauí, Tocantins e Goiás), a restrição de crédito está grande, devido à frustração da safra, que teve grande quebra em função da seca. Com a quebra, agricultores não tiveram produção para saldar as dívidas de custeio. Assim, produtores tentam renegociar as dívidas da safra 2015/16 para conseguir crédito para a temporada 2016/17, apostando as fichas nesta safra para conseguir pagar as dívidas dos dois anos. Em linhas gerais, o crédito está mais caro, por conta da elevação da taxa de juros básico da economia.

HF Brasil: Qual a perspectiva em relação aos custos de produção para as grandes culturas no próximo ano?

Osaki: Com relação aos custos de produção, acredito que a alta por área cultivada seja bem menos acentuada do que ocorreu nos últimos dois anos, já que não há previsão de uma elevação acentuada do dólar e da energia elétrica, principalmente. Já o comportamento do custo unitário vai depender das condições climáticas, devendo até haver recuo em regiões onde houve quebra de safra nessa temporada. Em relação ao desempenho da lavoura no campo, a temporada 2016/17 está começando bem, com chuvas antes do previsto, mas a expectativa é que a margem de lucro seja mais justa que nos anos anteriores. ■

Portfólio HF

Carregado de soluções para múltiplas culturas em hortifrúti.



0800 0192 500

facebook.com/BASF-AgroBrasil

www.agro.basf.com.br

Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Incluir outros métodos de controle dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Uso exclusivamente agrícola. Restrições no Estado do Paraná: Tutor® para o alvo *Phytophthora infestans* no tomate, Cabrio® Top para alho. Registro MAPA: Cabrio® Top nº 01303, Dormex® nº 1095, Collis® nº 01804, Forum® nº 01395, Pirate® nº 05898, Nomolt® 150 nº 01393, Regent® Duo nº 12411, Heat® nº 01013, Cantus® nº 07503, Fastac® 100 nº 2793, Herbadox® 400 EC nº 15907, Orkestra™SC nº 08813 e Tutor® nº 02908.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



Produtos que contribuem para aumentar a qualidade e produtividade da sua lavoura.

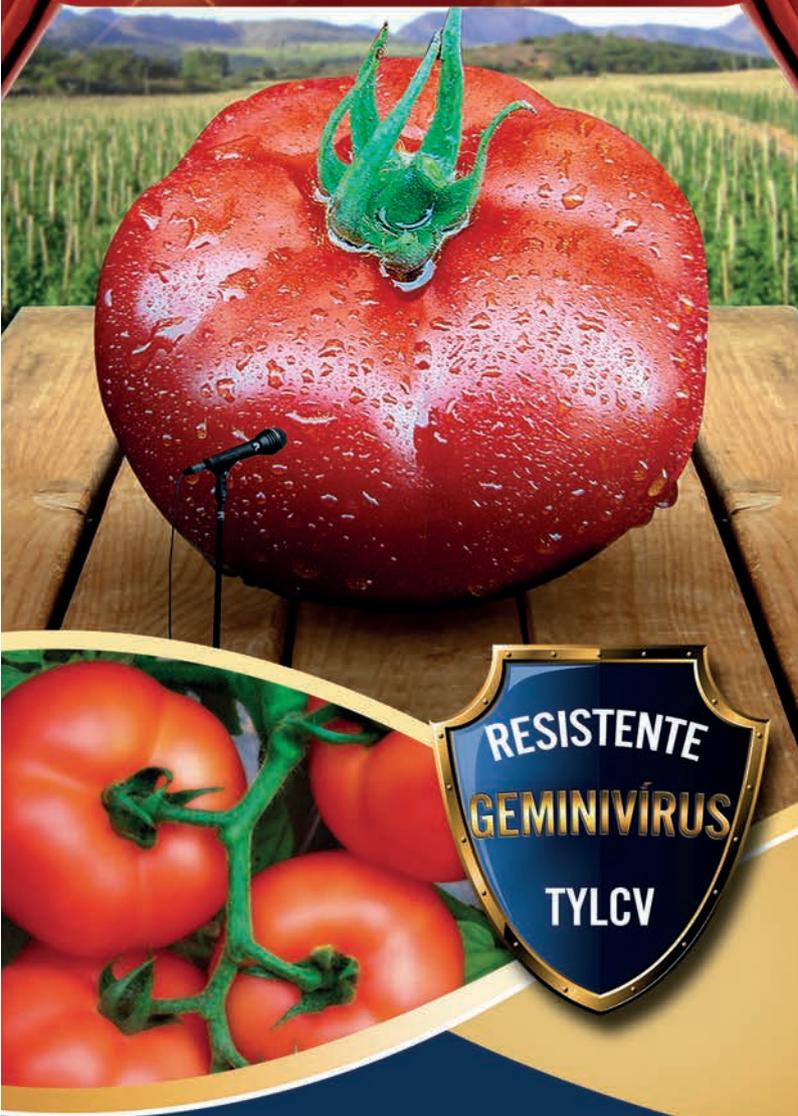
Fungicidas	Orkestra™SC*	Inseticidas	Pirate®
	Cabrio® Top*		Regent® Duo
	Cantus®*		Nomolt® 150
	Forum®		Fastac® 100
	Collis®		
	Tutor®		

Herbicidas	Heat®	Regulador de Crescimento	Dormex®
	Herbadox® 400 EC		

*Mais qualidade, produtividade e rentabilidade - Benefícios AgCelence®.

BASF
We create chemistry

DOMINADOR F1
esse dá show em qualquer campo.



Tomate híbrido
DOMINADOR F1

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

Mala Direta Postal

Básica

0000/2012 - DR/XXXXY

Cliente

...CORREIOS...

IMPRESSO

Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ

Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829

e-mail: hfcepea@usp.br



Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

Tomate híbrido

DOMINADOR F1

- Alta resistência ao TYLCV (geminivírus)
- Excelente sanidade de plantas
- Frutos uniformes
- Resistências: Fol: o, 1, For, Ma, Mi, Mj, ToMV, TYLCV, Va e Vd

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

24 2222-9000 | www.agristar.com.br

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429.8808 Fax: (19) 3429.8829
E-mail: hfcepa@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil